



Universidade Técnica de Lisboa
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

PERSPETIVA DO SEM-ABRIGO PARA O FUTURO

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Política Social

Orientador: Professor Doutor Fausto Amaro

Mestrando: Nelson Lopes Semedo

Lisboa, 2012

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

AGRADECIMENTOS

Apesar do presente projeto de investigação ser da minha exclusiva responsabilidade devo destacar que este trabalho só teve progresso graças ao empenho, dedicação e combatividade de todos quantos participaram nele, em particular aos Sem-Abrigo.

Pelo apoio e dedicação na orientação para a elaboração da dissertação, agradeço ao Professor Doutor Fausto Amaro

Um agradecimento especial às pessoas Sem-Abrigo que se prontificaram a responder à entrevista que constitui a base desta dissertação.

Finalmente, uma palavra de agradecimento à minha mãe, que mesmo estando um pouco distante (Cabo verde), sempre me acompanhou de uma forma intensa na elaboração deste projeto.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

RESUMO

Este trabalho de investigação estabeleceu como objetivo conhecer e apreender a perspetiva do sem-abrigo em relação ao futuro através da compreensão dos seus motivos para a manutenção da sua situação de excluído, a partir de um estudo qualitativo.

Na abordagem da investigação qualitativa foi utilizada uma metodologia exploratória e compreensiva que teve a sua sustentabilidade, a partir das respostas obtidas através de uma entrevista semiestruturada. Declarando-nos como um investigador qualitativo, entendemos que a entrevista de história de vida constitui a técnica de recolha de informação adequada para procurar obter os testemunhos dos entrevistados, assumindo os mesmos como fundamentais para se compreender a exclusão social.

Os resultados apresentados serão comparados com a literatura existente analisada para entender a teoria (no caso de os resultados não estarem de acordo com a literatura), para aumentar a generalização (quando os resultados estão de acordo com a literatura) e para aumentar o nível teórico da criação de teoria a partir de casos de estudo.

As informações apresentadas resultaram, de acordo com o explicitado anteriormente, da realização de entrevistas à elementos da nossa população-alvo, os sem-abrigo. Estas entrevistas foram aplicadas a 5 pessoas, homens e mulheres, não tendo sido seguido qualquer critério para a participação destas, neste estudo.

Finalmente, considera-se que a problemática da exclusão social tem representado uma vasta área de estudo a nível mundial. Em Portugal, estamos a dar os primeiros passos, sobretudo no sector dos sem-abrigo. Neste sentido, é cada vez mais necessário desenvolver projetos de investigação centrados neste tema da atualidade, por ser de grande importância para a área da política social, para que se possa começar a assimilar uma nova filosofia de inclusão/integração.

Palavra chaves: Exclusão social, Pobreza, Sem-abrigo, Inclusão, Integração.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

ABSTRACT

This research has established is to know and grasp the perspective of homeless in relation to the future by understanding their reasons for maintaining their position as excluded from a qualitative study.

In qualitative research approach was used an exploratory methodology and understanding which had its sustainability, from the responses obtained through a semi-structured interview. Declaring himself as an investigator qualitative understands the life history interview is the technique of gathering adequate information to seek the testimony of respondents, assuming the same as substantiate to understanding social exclusion.

The results shown are compared with the existing literature analyzed to extend the theory (in case the results are not in agreement with the literature), generalization to increase (when the results are in agreement with literature) and to increase the theoretical level of creating theory from case studies.

The information presented resulted, according to the outlined above for interviews with members of our population - target - the homeless. These interviews were applied to 5 people, men and women have not been followed by any criterion for their participation in this study.

Finally, it is considered that the problem of social exclusion has represented a wide field of study worldwide. In Portugal, we are taking the first steps, especially in the area of homeless. In this sense, it is increasingly necessary to develop research projects focused on this topical issue to be of great importance in the area of social policy, so that we can begin to assimilate a new philosophy of inclusion / integration.

Key Word: Social Exclusion, Poverty, Homeless, Inclusion, Integration.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	II
ABSTRACT	III
ÍNDICE	IV
ÍNDICE DE FIGURAS/TABELAS	V
ÍNDICE DE ANEXOS	VI
NOTAS INTRODUTÓRIAS	VII
CAPITULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
1.1 CONCEITO DO SEM-ABRIGO.....	10
1.2 EXPLICAÇÃO DO FENÓMENO SEM-ABRIGO	14
1.3.1 EXCLUSÃO SOCIAL E POBREZA NA SOCIEDADE PORTUGUESA.....	15
1.4 RESILIÊNCIA NA PESSOA SEM-ABRIGO	17
1.5 SEM-ABRIGO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	19
1.6 AS INSTITUIÇÕES E O SEM-ABRIGO	21
1.7 SÍNTESE DESTA PRIMEIRA PARTE	24
CAPITULO II – ESTUDO EMPÍRICO	26
2. METODOLOGIA	26
3. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	27
3.1 OBJETIVO GERAL	27
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	27
4. METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS.....	27
5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS.....	29
5.1 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS.....	29
5.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO	31
5.3 CARACTERIZAÇÃO SÓCIO – DEMOGRÁFICA DOS ENTREVISTADOS.....	32
6. ANÁLISE DE CONTEÚDO	37
7. IDENTIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS	38
7.1 INFÂNCIA.....	39
7.2 TRABALHO/ATIVIDADE PROFISSIONAL	40
7.3 FAMÍLIA/CONJUGALIDADE.....	41
7.4 SEM-ABRIGO	43

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
RESPOSTA À PERGUNTA DE PARTIDA.....	52
SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
WEBGRAFIA.....	56
ANEXOS.....	LVII

ÍNDICE DE FIGURAS/TABELAS

FIGURA 1: CONCEITO DE SEM-ABRIGO SEGUNDO PEREIRA ET AL (2001:19)	13
FIGURA 2: ANALISE LONGITUDINAL DOS SEM-ABRIGO DE LISBOA: A SITUAÇÃO EM 2000.	24
TABELA 1 - DADOS SOBRE A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	32
TABELA 2 - LISTA DE ABREVIATURAS USADAS NOS QUADROS DE COMPILAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS.	33
TABELA 3: CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA DOS ENTREVISTADOS	36
TABELA 4 - MATRIZ GLOBAL DOS SISTEMAS DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS.....	39

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A: GUIÃO DA ENTREVISTA	LVIII
ANEXO B1: ENTREVISTA 1.....	LXII
ANEXO B2: ENTREVISTA 2.....	LXX
ANEXO B3: ENTREVISTA 3.....	LXXVII
ANEXO B4: ENTREVISTA 4.....	LXXXIV
ANEXO B5: ENTREVISTA 5.....	XCII
ANEXO C: LEGISLAÇÃO	XCVIII

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Sem-abrigo: uma condição ou uma passagem? É a pergunta de partida para elaboração deste projeto de investigação qualitativa, no âmbito de Mestrado em Política Social, que tem a sua pertinência no facto de os sem-abrigo serem uma realidade muito presente e em foco na nossa sociedade.

Pretende-se que, com este trabalho, se possa compreender as auto-representações sociais dos sem-abrigo em torno do fenómeno de exclusão social que os inclui, sem abandonar os fatores que dificultam o seu processo de inclusão.

O sem-abrigo é uma realidade muito presente na sociedade em que vivemos. Trata-se, de fato, de um problema social complexo, com consequências graves para a coesão social, uma vez que relacionado com este se encontram problemas como a estigmatização, a segregação, a exclusão, o desrespeito do outro e a marginalização.

Mais do que reconhecer os fatores que estão na origem deste fenómeno, será pertinente provir à desconstrução desta realidade, fornecendo mecanismos que permitirão alargar os campos de ação daqueles que se inserem em projetos como este.

Em continuidade daquilo que já foi dito nas linhas anteriores, pretende-se com este trabalho, apreender a perspetiva do sem-abrigo em relação ao futuro, através dos testemunhos dos sem-abrigo e tendo em conta as representações que estes têm de si e da sociedade em que se encontram inseridos.

A presente dissertação encontra-se dividida em três partes:

A primeira parte - Revisão da Literatura – apresenta o conceito de “*sem-abrigo*”, a evolução do fenómeno sem-abrigo, a exclusão social e a pobreza, assim como as representações sociais, a exclusão social e pobreza na sociedade portuguesa.

A segunda parte retrata o procedimento metodológico e estudo prático do presente projeto de investigação. No que concerne ao procedimento metodológico pode-se referir os objetivos do projeto e a metodologia adotada. Em relação ao estudo prático, este é constituído pela análise dos dados e a discussão dos resultados.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Por último, apresentam-se as considerações finais, uma proposta de intervenção futura e as limitações do estudo, seguidas das referências bibliográficas e dos anexos.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

CAPITULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“O nosso quotidiano civilizado está cheio desses seres que mantendo uma similar aparência física, se afastaram de tal maneira da humanidade que perderam o laço comum. Pelo que estão reunidas as condições objetivas e morais para a chacina dos homens-lixo. E essa é já uma prática quotidiana. Imposta pelas autoridades, desculpada pela moral pública, exigida pela economia”

(Moura, 2000:14)

Este trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Política Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, para além de constituir um pretexto para estudar uma área sempre atual em Portugal e no mundo, tem, ainda, como finalidade, conhecer e analisar a uma área geográfica precisa do nosso País – Lisboa – de forma a compreender melhor o fenómeno social dos sem-abrigo.

Assim, este espaço, primeiro capítulo da dissertação, é reservado à apresentação de definições/conceitos, explicações e ideias, devidamente fundamentadas, que formam a base teórica para o desenvolvimento deste trabalho, relacionando-se, para tal, livros e pesquisas que consideramos importantes para a sua realização. Segundo Fortin (1999), a procura deste conhecimento permite, também, ao investigador apoiar-se em obras de outros pesquisadores para prosseguir o seu estudo.

Assim, pretende-se, neste capítulo, proceder à revisão da literatura na qual esta análise se apoia, assim como à fundamentação teórica da mesma.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

1.1 CONCEITO DO SEM-ABRIGO

Parece-nos essencial abordar, nesta parte do nosso trabalho, os conceitos que permitirão a elaboração do mesmo, pelo que, de acordo com as palavras – chave que identificámos, nos debruçaremos com particular destaque sobre os conceitos de “*Sem-Abrigo*”, de “*Exclusão Social*”, de “*Pobreza*”, de “*Inclusão*” e de “*Integração*”; tal permitirá, de seguida, estabelecer a correlação que se impõe pela escolha do nosso tema, a saber “*Perspetivas do Sem-Abrigo para Futuro*”.

O conceito de “*Sem-Abrigo*” não está estabelecido em termos definitivos, pois varia no espaço e no tempo. As primeiras dificuldades que se apresentam referem-se ao campo da pesquisa. Portanto, atribuiremos à expressão o significado mais amplo possível. Para uma definição de acordo com as regras, indicaremos, como exemplo a sugerida pela União Europeia (UE):

(...) “aquele que não tem acesso a acomodações que possa ocupar razoavelmente, através de uma situação legal, quer de pertença de habitação, quer seja arrendada ou proporcionada por empregadores, ou ainda por ocupação livre de renda através de um qualquer contrato. Desta forma, o indivíduo vê-se forçado a pernoitar em locais como: ao ar livre; em edifícios que não reúnem condições de habitação; em locais que recebem por curtos períodos tais; e em casa de amigos ou familiares” (Cruz et al (2006:23).

Sabemos que o conceito de sem-abrigo se encontra no centro de desafios políticos importantes, pois uma definição influencia diretamente as avaliações quantitativas do número de pessoas atingidas por esta condição e, conseqüentemente, a amplitude dos recursos disponibilizados para combater este flagelo.

Assim, verifica-se, por exemplo, que uma definição mais abrangente faz aumentar o número de sem-abrigo e, assim supõe uma reavaliação dos critérios de acesso a habitações convenientes e das políticas de construção de habitação a preços acessíveis para todos, assim como, outro exemplo, do financiamento de serviços específicos destinados à população de sem-abrigo.

A pesquisa bibliográfica efetuada revelou os diferentes aspetos evidenciados pelos investigadores.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Cruz et al (2006), por exemplo, destaca o facto de ao sem-abrigo poderem corresponderem outras expressões muitas das quais pejorativas e impregnadas de um estigma social marcante como “mendigo”, “vagabundo” ou, ainda, “malandro”, dependendo das sociedades, da época ou da cultura em que nos situamos.

Pimenta (1992) sobre o fenómeno, esclarece que este apresenta, hoje em dia, novos contornos, uma maior complexidade que se explica porque aos marginalizados da sociedade se junta, agora, uma nova geração de excluídos, produto da crise económica que vivemos, mas também, de fatores históricos e sociais ligados ao desemprego, ao consumo de estupefacientes e claro, às deficientes políticas sociais que não acodem a esta situação dos sem-abrigo.

Outros autores preferem apontar as causas que conduzem à situação de sem-abrigo.

Assim:

Pereira e Silva (1999) refere-se a sujeitos com níveis de escolaridade baixa, cuja relação com o trabalho oscila entre o desemprego e o emprego provisório ou pontual, sem qualquer proteção social.

Por sua vez, Bento e Barreto (2002), atendem ao problema da habitação: “*o conceito sem-abrigo utilizado na atualidade, parece acentuar a questão da habitação, num sentido restrito, e da pobreza e exclusão social num sentido mais alargado*” (Bento e Barreto, 2002: 25).

Ou seja: embora os vários autores estudados concordem em referir os sem-abrigo como indivíduos provenientes de famílias disfuncionais, com carências habitacionais, económicas e/ou outras, cada um destes autores debruça-se mais especificamente sobre um aspeto da condição de sem-abrigo. Fazem, por exemplo, distinção ao nível das opções de pernoita: a possibilidade de dormir em pensões e camaratas subsidiadas por instituições de solidariedade; em espaço residenciais ou não residências abandonados privatizados pelo próprio indivíduo, sem as mínimas condições de habitabilidade e salubridade, em viaturas abandonados, até à possibilidade de pernoita ao relento, ou seja, passeios públicos, debaixo da ponte e viadutos e outros recantos da cidade (Pereira e Silva, 1999).

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Muitos são os que consideram que tal definição, porque limitativa e não considerando aqueles que vivem provisoriamente com a família, os que se mantêm em hospitais e enfermarias por não terem outro abrigo, os reclusos que após a libertação não possuem qualquer alojamento e outras múltiplas situações, (Cruz et al, 2006), preferem identificar o sem-abrigo como um ser privado de suportes sociais, psicológicos e económicos.

Como tal, incluem-se, nesta categoria, os sem-abrigo que residem em casas sem condições de higiene e segurança. Para autores como Pereira et al (2001), ser sem-abrigo pode significar uma total exclusão da sociedade.

Estes autores preferem apresentar, ainda, um conceito de sem-abrigo com base na duração desta condição, distinguindo, para tal, quatro formas e graus que compilámos no quadro seguinte:

Conceito de Sem-Abrigo segundo Pereira et al (2001:19)			
O Crónico	O Periódico	O temporário	O total
<i>“Encontra - se articulado ao alcoolismo e à toxicodependência, onde grande parcela da sua vida é passada na rua, tem apenas dinheiro suficiente para uma “pensão barata”, pode manter uma rede de contactos sociais ou formar pequenas comunidades com pessoas na mesma situação;”</i>	<i>“Tem casa mas que a deixa quando a pressão se torna intensa, conduzindo-o para um albergue ou mesmo para a rua, mantendo-se, no entanto, a casa acessível quando as tensões acalmam (incluem-se aqui, entre outros, os trabalhadores migrantes que partem à procura de trabalho sazonal ou mulheres que</i>	<i>“Mais limitado no tempo que as outras formas, está numa situação de Sem-Abrigo devido a uma situação inesperada, mas a sua capacidade para ter e manter uma casa, mantém-se estável (situação motivada, por exemplo, por um desastre natural, desemprego súbito, doença grave, ou uma mudança de comunidade) e por</i>	<i>“ Considerado o mais catastrófico de todos, traumatizado devido ao facto de não ter casa nem manter relação com a comunidade, pode pernoitar num albergue noturno ou nas imediações de uma igreja, mas não tem casa e muito embora as perspetivas futuras dependam de cada indivíduo, o trama da total devastação</i>

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

	<i>sofreram violência doméstica);”</i>	<i>último;”</i>	<i>dos seus suportes sociais e físicos ameaça seriamente os seus poderes de recuperação.”</i>
--	--	-----------------	---

Figura 1: Conceito de Sem-Abrigo segundo Pereira et al (2001:19)

Fonte: Própria

Vejamos com atenção e mais particularmente os três primeiros grupos:

O grupo dos sem-abrigo crónicos dá-nos conta das pessoas que vivem em margem da sociedade e que, muitas das vezes, enfrentam problemas de álcool, de drogas ou de doenças mentais.

O grupo dos sem-abrigo cíclicos ou periódicos (encontram-se, na literatura os dois termos usados indiscriminadamente) evidencia os indivíduos que, por alterações diversas na sua situação de vida como desemprego, mudança de residência, prisão ou internamento hospitalar prolongado, perdem a sua habitação, pelo que passam a frequentar lares e associações.

Quanto ao grupo dos sem-abrigo temporários, este diz respeito aos que perdem a sua habitação por um período relativamente curto e, tal como o nome indica, temporário, devido, por exemplo a uma catástrofe natural (incêndio, inundações, guerra,...) e que vêem, assim, a sua situação económica e pessoal substancialmente modificada. Tal situação poderá, ainda, ser a consequência de um divórcio ou da perda de emprego. Mas porque a maioria dos investigadores deste domínio – os sem-abrigo – não consideram este grupo, sem-abrigo temporário, como verdadeiramente sem-abrigo, estes encontram-se excluídos da maioria dos estudos até hoje realizados.

Do observado ao longo deste ponto verifica-se que o sentido do conceito “*sem-abrigo*” e o seu interesse para a investigação, mas também para a sociedade, tem evoluído ao longo do tempo em função de fatores económicos e sociais e que as grandes divergências em relação a uma definição precisa condicionam, provavelmente, o apuramento de números exatos relativamente a esta população; condicionam, também, uma caracterização objetiva da mesma.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

A multiplicidade de opiniões acerca deste conceito, das quais os extratos acima transcritos não são mais do que uma ínfima parte, revela a dificuldade em apresentar uma definição estrita acerca do mesmo.

1.2 EXPLICAÇÃO DO FENÓMENO SEM-ABRIGO

O fenómeno dos sem-abrigo não se limita aos países mais pobres. Constata-se que ser sem-abrigo durante um período mais ou menos longo pode acontecer a qualquer pessoa vivendo num qualquer país, inclusive nos mais ricos.

Também não resulta, necessariamente de catástrofes natural ou humana, pois numerosos são os estudos que revelam que os acontecimentos capazes de levar as pessoas a fazerem parte deste mundo específico são numerosos e diversificados.

Hoje em dia, ser sem-abrigo é uma realidade para muitos homens, muitas mulheres e crianças, não sendo portanto nenhum fenómeno novo porque verifica-se, ao longo da história, que sempre existiram pessoas desta condição embora, após os anos oitenta do século passado, tal fenómeno se tenha intensificado, atingindo uma população cada vez mais diversificada.

A este respeito as mais recentes estimativas à escala mundial publicadas pelas Organizações Internacionais são alarmantes. Estas mesmas organizações alertam, ainda, para o fato de que, além de ter aumentado substancialmente nos últimos vinte anos, esta população – sem-abrigo – sofreu importantes modificações no que respeita às suas características, como, por exemplo, um maior número de mulheres, de jovens, de famílias inteiras, de pessoas afetadas por problemas mentais (estas alvo de numerosos estudos neste âmbito) novos emigrantes e membros de minorias étnicas.

A exclusão social é, assim, um fenómeno multidimensional porque devido a diferentes causas, económicas, sociais, (...) (Costa, 2004).

Assim, e embora as situações de sem-abrigo tenham causas sociais diversas, uma parte significativa deste agravamento da situação é o resultado do aumento do desemprego, dos baixos salários e do ciclo de pobreza e de exclusão social que atingem milhares de famílias – na sua maioria agregados familiares nucleares, em idade ativa e

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

com profissões pouco qualificadas, incluindo as famílias monoparentais, que as impedem de poderem assumir as suas responsabilidades.

Para Pimenta (1992), a explicitação do fenómeno sem-abrigo começou por se destacar no plano individual do sujeito, isto é, a sua condição era encarada como consequências de defeitos do próprio sujeito.

No entanto, atualmente, o fenómeno deixou de ser encarado como marginal e circunscrito a indivíduos ou grupos; é agora atribuído à forma como a sociedade se encontra organizada; ao modo como se estrutura e às desigualdades que lhe estão inerentes. Tal se justifica pela diversidade de situações e de percursos que a situação do sem-abrigo encerra, pois ambos vieram por em causa as explicações de natureza individual, (*ibidem*).

Segundo Pereira e Silva (1999), o fenómeno sem-abrigo não é algo que acontece por acaso: está relacionado com experiências, acontecimentos ou trajetórias que conferem debilidade, estimulam dependências institucionais e desembocam em processos de rutura como por exemplo a perda de emprego, o divórcio, (...).

Em Portugal, no entanto, assim como em alguns outros países da Europa, perduram e aumentam as discrepâncias económicas e sociais, mantendo-se elevadas taxas de pobreza pelo que existem mais fatores de vulnerabilidade ao empobrecimento e, por conseguinte, uma maior incidência das expressões mais extremas do fenómeno (Pimenta, 1992). Esta preocupante realidade e dimensão dos problemas exigem, parecidos, o urgente reforço da intervenção por parte do Estado que não pode continuar a demitir-se das suas responsabilidades na promoção dos direitos de todos os cidadãos.

Com base nesta constatação, Pereira et al (2001) afirmam que a cidade, enquanto espaço de emergência de novas maneiras de vida social é, também, o lugar de incalculáveis situações de exclusão e de instabilidade que caracterizam a sociedades contemporâneas, observação de suma importância para o nosso estudo empírico.

1.3.1 EXCLUSÃO SOCIAL E POBREZA NA SOCIEDADE PORTUGUESA

Importa, para o nosso estudo, abordar a exclusão social e a pobreza na sociedade portuguesa.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Em Portugal, estima-se que existam 18% de pobres, ou pessoas em risco de pobreza, o que são números bastantes altos, que ficam muito aquém do desejado, e expectável, tal como afirmou, a seu tempo, a então Ministra do Trabalho e Segurança Social, em Madrid, na Conferência Abertura Ano Europeu da Luta contra a Pobreza e Exclusão Social.

Para além disso, números do Instituto de Segurança Social indicam que há cerca de 2200 pessoas, em Portugal, sem casa ou que vivem em centros de alojamento temporário¹.

De fato, no que concerne à realidade portuguesa, muitos estudiosos referem o quanto é difícil construir e definir o conceito de pobreza, assim como definir as variáveis que melhor o podem fazer. No entanto, é consensual distinguimos algumas categorias da população portuguesa particularmente vulneráveis à pobreza, como “ (...) *desempregados à longa data ou jovens à procura do primeiro emprego, famílias monoparentais, certas minorias étnicas – nomeadamente as de origem africana, asiática ou de raça cigana – e sobretudo deficientes e idosos com recursos insuficientes para lhes assegurar um nível de vida acima dos limiares de pobreza.*” (Almeida, 1992:13) Apesar das dificuldades no tratamento deste conceito e, conseqüentemente, numa fidedigna leitura da realidade, acolhem-se alguns domínios importantes na avaliação da pobreza e, assim sendo, considera-se as condições de habitação, as de saúde, as de educação e, por último, de emprego e desemprego.

Neste tipo de problemática, importa ainda saber qual o papel do Estado. No que diz respeito ao combate à pobreza e exclusão social, apesar do esforço verificado ao longo dos últimos anos, sabemos que comparativamente a outros países da Comunidade Europeia a sua intervenção é, ainda, demasiado insignificante face ao problema, demasiado limitada, não permitindo que todo o apoio necessário chegue junto das populações em situação de carência social.

¹www.tsf.pt, consultado em janeiro de 2013

1.4 RESILIÊNCIA NA PESSOA SEM-ABRIGO

Tendo como ponto de partida o conceito de *“Resiliência como um conceito psicológico definido como “a capacidade de o individuo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse etc. - sem entrar em surto psicológico”* ou, ainda, de acordo com Job (2003), vendo –o como uma combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e superar problemas e adversidades, recordamos a opinião de estudiosos desta matéria:

Rutter (1993), um dos expoentes máximo no estudo sobre resiliência na área da psicologia, acredita que a resiliência é um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que permitem os indivíduos lidar com o sucesso, com as adversidades ou os riscos significativos.

Dita de outra forma, a Resiliência consiste em, a partir de um ato traumático (luto, abandono, violência,...) reaprender a viver e retornar ao estado anterior, mudando a perspetiva de vida, livrando-se de um passado difícil, numa posição agora enaltecida.

Evocado primeiro nos anos de 1940 pelos psicólogos americanos, o conceito de resiliência popularizou-se, essencialmente, graças a Cyrulnik, neuropsiquiatra e psicanalista que, através de obras de sucesso, expos ao publico o conceito de resiliência como fator de esperança.

Partindo da sua própria experiencia e da observação de diversos grupos de indivíduos, este investigador pode demonstrar que se podia abordar a psicologia de uma forma mais otimista e menos estigmatizante.

De acordo com os especialistas, a atitude de resiliência é dinâmica e passa por diversas fases de defesa para contrariar as trajetórias negativas.

A adoção do conceito de resiliência é, também, o reflexo de uma mudança de atitude perante a vida. Falar de resiliência é afirmar, sem hesitar que as catástrofes e os desafios fazem parte da vida e que mais vale estar preparado para os enfrentar se queremos sobreviver e continuar a levar uma existência digna.

Esta visão conduz, assim, a uma forma diferente de intervir junto do Outro, com estudos sobre a resiliência a permitirem descobrir um aspeto importante de recuperação: a reconstrução da autoestima.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Encontrámos, através da nossa revisão bibliográfica, vários estudos relacionados com a resiliência e os sem-abrigo.

Vejamos a esse respeito:

Simões (2007) afirma que um dos fatores que se encontra ligado a resiliência é o risco. A resiliência manifesta-se na adaptação perante o risco. Segundo ela o risco pode ser encontrado em vários domínios: pessoal, familiar ou comunitário.

Ainda a luz do pensamento de Simões (2007) o risco poderá estar num envolvimento próximo, essencialmente na família, nos amigos ou no local onde se vive, isto é, o risco pode ter origem em acontecimentos de vida stressantes gerados nos contextos significativos para o indivíduo.

A exposição ao risco pode originar doença, facto que se indica como vulnerabilidade, mas outros indivíduos podem ultrapassar estes riscos e apresentar um comportamento ajustado, facto designado como resiliência (Rutter 1993).

Antonovsky e Sagy afirmam que, a nível pessoal encontram-se determinadas particularidades que, em interação com o envolvimento, podem arrastar os indivíduos para o perigo (Antonovsky e Sagy, 1996 citado por Simões 2007).

Outros fatores associados à resiliência são fatores de proteção assim como no risco, estes fatores também podem ser individuais, familiares ou comunitários (Simões, 2007).

No seio dos fatores individuais encontra-se as competências cognitivas, emocionais e relacionais. Estas competências são essenciais para agir diretamente sobre o risco, mas também para mobilização de fatores de proteção na família e na comunidade. A nível familiar evidencia-se a importância do suporte afetivo e das boas práticas parentais. Na comunidade destaca-se, para além das oportunidades de participação nas atividades comunitárias, o papel fundamental que a escola tem na promoção de fatores de resiliência (Simões, 2007).

Os fatores de riscos e de proteção atuam através de diversos mecanismos que produzem resultados mais ou menos favoráveis para o ajustamento do indivíduo.

Os esforços das pessoas para vencerem as adversidades e as situações traumáticas acompanham a história do ser humano. No que diz respeito à população de sem-abrigos, registamos, ainda, a opinião de Thelen (2004) para quem existe uma

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

privação social dos sem-abrigo, isto é, todos os lugares vivenciado ou frequentado pelos sem-abrigo, constituem, para população sem-abrigo, como um meio pernicioso e hostil, no qual a sua integridade psíquica se encontra ameaçada e o fato dos sem-abrigo não terem relações sociais próximas estabelece umas das grandes consequências da privação social, um processo complicado, ainda mais, pelo facto destes indivíduos movimentarem-se num espaço e num contexto de rotina muito pobre e enfadonho onde a lógica da sobrevivência absorve toda atenção do indivíduo. Este tem de se acomodar à rua, um espaço que exclui qualquer um, procurando estratégias de sobrevivência.

Das leituras efetuadas parece importante referir que todos os investigadores parecem referir que as experiências, enquanto sem-abrigo, são vividas como oportunidades para se desenvolverem como pessoas e aumentarem a sua perceção de controlo sobre a própria vida.

A literatura refere, também, que a condição de sem-abrigo contribui para o desenvolvimento de determinadas competências que não seriam fortalecidas sem esta condição.

Assim, e apesar do fenómeno sem-abrigo ser considerado uma situação de injustiça social, de discriminação e de exclusão, também é encarado como positivo, na medida em que potencia o desenvolvimento de perceções mais positivas de si para o sujeito sem-abrigo (Bydell, Gaerung e Morrell, Bellai, 2000).

Estes autores sugerem mesmo que o individuo pode, passando por esta vivência, fortalecer-se, tornar-se resiliente perante acontecimentos adversos.

1.5 SEM-ABRIGO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais dos sem-abrigo, na opinião pública, oscilam de forma regular entre hostilidade e hospitalidade, com os mass média a transmitirem quatro posturas éticas e políticas principais: a ajuda e a compaixão, a indignação e a defesa dos direitos, a proteção imposta e a repressão.

As políticas públicas não escapam a essas representações sobretudo quando os sem-abrigo se tornam mais visíveis, o que se traduz, quase sempre, numa alternância histórica, do apoio aos sem-abrigo, entre repressão e assistência.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

A investigação sobre representações sociais interessa-se à forma como a realidade social é apreendida e designada e coloca em evidência os mecanismos de construção destas categorias, a apreensão e a designação.

Como refere Marpsat,

“La façon dont les personnes sont continuellement l’objet de classements contribue à modifier les contours et le contenu des catégories. Mais la redéfinition permanente des «marges » est aussi, par contrecoup et comme en négatif, une redéfinition du « centre»” (Marpsat, 2007:38).

Dito de outra forma, a definição e a categorização dos sem-abrigo permitem compreender os fenómenos de exclusão propriamente ditos, mas, também, as relações que a sociedade estabelece com os seus excluídos.

Os estudos realizados sobre sem-abrigo permitiram, aos investigadores, modificar a sua maneira de os representar e de se dar conta da grande complexidade do problema que durante muitos anos esteve associado, quase exclusivamente, ao abuso do álcool.

Hoje, constata-se que a imagem tradicional do sem-abrigo, isto é, a de um grupo homogéneo, composto de homens de meia-idade, alcoólicos e até mesmo delirantes, está completamente ultrapassada e que o álcool, tal como foi dito anteriormente, já não é a única causa que conduz a esta situação de sem-abrigo.

Os conhecimentos sobre esta faixa da população apoiam-se num número considerável de estudos e de investigações. No entanto, as posições defendidas por estas investigações são tão numerosas como as soluções avançadas para travar ou estancar o crescimento deste fenómeno.

Não existe, até hoje, nenhum consenso sobre a amplitude deste fenómeno, sobre a sua composição, as suas causas e as possíveis soluções. Além disso, e embora os fatores explicativos se multipliquem, e sobretudo, a nosso ver, se tornem mais e mais complexos, ao ritmo do aprofundar dos conhecimentos sobre esta temática, o peso relativo que devemos atribuir a estes diferentes fatores, como a pobreza, a falta de habitação a preço módico, o uso de drogas, a doença mental, (...) é objeto de vivos debates. Esta situação explica, certamente, por que razão, apesar da amplitude dos estudos realizados, um grande número de pessoas continuam a partilhar sentimentos de

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

ignorância face a este fenómeno, na sua globalidade, e às medidas necessárias para o erradicar. (Golden, 1998).

1.6 AS INSTITUIÇÕES E O SEM-ABRIGO

Vimos que o fenómeno de sem-abrigo se verifica através do número de indivíduos que se encontram nesta situação (difícil, como já foi referido, de se averiguar pela ausência de uma definição estrita do conceito de sem-abrigo), da grande diversidade de situações que esta condição encerra.

Assim sendo, conhecer melhor as instituições diretamente ligadas a este fenómeno social fornece-nos a possibilidade de melhor o conhecer (Pereira et al, 2001).

Bento e Barreto referem:

“Os sem-abrigo necessitam de uma serie de recursos e equipamentos sociais, diversificados e adaptados às suas necessidades (de alojamentos, benefícios sociais, cuidados de saúde, educação/formação. Mas convêm salientar que dificilmente as instituições terão capacidade de responder todas estas necessidades evidenciadas” (Bento e Barreto, 2002:109).

De fato, os sem-abrigo necessitam de um conjunto de serviços, essencialmente médicos, sociais, de formação profissional, educativos, (...) que lhes permitam dar resposta às causas da situação em que se encontram.

Pode-se assim compreender as variedades dos recursos existentes nos vários tipos de instituições que trabalham com a população sem-abrigo. Contudo, o processo de institucionalização é vivido como estigmatização, obrigando assim, desenvolvimento de estratégias de neutralização que tendem proteger a identidade.

No entanto, e segundo Pereira et al (2001), uma maior participação da população alvo na avaliação dos serviços assistenciais e o desenvolvimento de uma atitude mais relacional por parte dos técnicos podem ser favorecidas, minorando os riscos de acentuação da componente de controlo no trabalho de integração.

Compilámos, no quadro seguinte, as principais características das instituições que lidam com a população sem-abrigo em Portugal, sabendo-se que todas elas tem com objetivos gerais colocar na ordem do dia as temáticas relacionadas com a pobreza e

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

exclusão social assim como desenvolver e implementar estratégias de intervenção social adequadas às necessidades das populações em questão.

CARACTERÍSTICAS	INSTITUIÇÕES
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Proporciona alojamento noturno e outros serviços: <ul style="list-style-type: none"> -básicos a nível de alimentação e cuidados de higiene; balneários, lavandarias, banco de roupa, cabeleiros e/ou enfermaria -complementares como apoio social, psicológico, jurídico e/ou médico- nas áreas da psiquiatria, clinica geral e/ou pneumologia 	<p>Emaús, Albergues Noturnos de Lisboa</p> <p>O Companheiro, comunidade vida e Paz, C. de Acolhimento Temporário de Xabregas, C. de Acolhimento da Graça, C. de Acolhimento do CASA², C. de acolhimento de Beato etc.</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Proporciona atividade laboral/formação técnico-profissional 	<p>Revista CAIS, Emaús</p> <p>O Companheiro, ARIA³, AEIPS⁴, CASSB⁵, C.V.P.⁶, AMI-Porta Amiga</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Proporciona vida comunitária: <ul style="list-style-type: none"> -para desenvolvimento de programa terapêutico -para integração em trabalho coletivo 	<p>Comunidade Vida e Paz</p> <p>Emaús</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetiva Inserção Sócio-Profissional 	<p>C. de Acolhimento da Graça. C. de Acolhimento do CASA⁵, C. de Acolhimento da Glória, ARIA⁶, AEIPS⁷, CASSB⁸, AMI-Porta Amiga</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Período de permanência: <ul style="list-style-type: none"> -curto (até 15 dias) -medio (2/3 meses) 	<p>C. de Acolhimento Temporário de Xabregas</p> <p>O Companheiro, C. de Acolhimento da</p>

² Centro de Apoio Social dos Anjos (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)

³ Associação de Reabilitação e Integração de Ajuda e Oeiras

⁴ Associação para o Estudo e integração Psicossocial

⁵ Centro de Apoio Social de São Bento (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)

⁶ Comunidade de Vida e Paz

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

<p>-longo (mais de 6 meses)</p> <p>-tempo não delimitado</p>	<p>Graça, C. de Acolhimento do CASA⁵, Albergues Noturnos, C. de Acolhimento da Gloria</p> <p>Emaús, AEIPS⁷, CASSB⁸, C. de Acolhimento do Beato</p>
<p>▪ Capacidade de abrigo:</p> <p>-até 30 pessoas</p> <p>-até 60 pessoas</p> <p>-até 200 pessoas</p> <p>-mais de 200 pessoas</p>	<p>Emaús (20), O Companheiro (30), C. de Acolhimento da Graça (30), C. de Acolhimento do CASA (15), AEIPS (10)</p> <p>Albergues Noturnos (55), C. de Acolhimento da Gloria (34), Comunidade Vida e Paz (175)</p> <p>C. de Acolhimento do Beato (271)</p>
<p>▪ Funcionamento de equipa de rua:</p> <p>p/ encaminhamento dos sem-abrigo à instituição</p> <p>p/ estabelecimento de relação pessoal com os sem-abrigo,acompanhamento dasituações e encaminhamentos</p>	<p>C. de Acolhimento do Beato (equipa do Gabinete de Apoio aos Sem-abrigo), Emaús, CVP⁹</p> <p>CASSB⁸</p>
<p>▪ Funcionamento de espaço aberto p/ discussão grupais</p>	<p>CVP⁹, CASSB⁸,</p>
<p>▪ Funciona como centro de apoio/recursos</p>	<p>AMI-Porta Amiga- Olaias, AEIPS⁷, IAC⁷, Gabinete de Apoio da Av. De Ceuta</p>
<p>▪ Refeitórios</p>	<p>AMI-Porta Amiga- Olaias, CASA⁵</p>
<p>▪ Distribuição de alimentos em diferentes pontos da cidade</p>	<p>CVP⁹ Legião de Boa Vontade, Hare Krishna, Particulares</p>
<p>▪ Toxicodependentes</p>	<p>C. de Abrigo da R. do Arco do Carvalhão,</p>

⁷ Instituto de Apoio à Criança

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

	C. de Acolhimento da R. de Cascais, Centro de Apoio da Av. de Ceuta, C. de Acolhimento do Beato
▪ Doentes Mentais	ARIA ⁶ , AEIPS ⁷ , CASSB ⁸
▪ Somente para sem-abrigo do sexo masculino	Albergues Noturnos, O Companheiro, C. de Acolhimento do CASA ⁵ , Emaús, C. de Acolhimento de Gloria

Figura 2: Análise Longitudinal dos Sem-Abrigo de Lisboa: a situação em 2000.

Fonte: www.lnec.pt, consultado em dezembro de 2012

Importa referir, ainda, e de acordo com Pereira et al (2001) que é sentida a necessidade de diversificação de respostas, nas instituições identificadas como centro de acolhimento.

1.7 SÍNTESE DESTA PRIMEIRA PARTE

A diversidade das definições usadas na literatura para “*Sem-Abrigo*” constitui um obstáculo real no plano da investigação.

Primeiro, porque acontece, demasiadas vezes que os investigadores não clarificam, na apresentação dos seus resultados, qual a abordagem que seguiram nos seus estudos e que metodologia privilegiaram para proceder à sua caracterização de sem-abrigo, o que torna difícil proceder a estudos comparativos sobre a realidade deste fenómeno. Assim, as variações importantes do número de sem-abrigo num mesmo país ou numa mesma cidade, explica-se, essencialmente, pela definição seguida pelo investigador e pela metodologia aplicada.

Qualquer definição não deixará de apresentar dificuldades, pelo que os desafios, neste preciso âmbito, e em qualquer tipo de estudo – qualitativo, como é o caso da presente análise, ou quantitativo -não deixam de ser consideráveis: escolha do local para recolha de dados, avaliação da representatividade da amostra, capacidade de generalização dos resultados obtidos, comparação dos mesmos, (...).

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Em muitos casos, os investigadores seguem a definição retida pelos Estados Unidos, a de caracterizar como sendo sem-abrigo as pessoas que vivem em habitações e locais que não correspondem aos critérios essenciais de uma habitação, mesmo se de difícil manejo do ponto de vista metodológico e pouco adequada, no caso de Portugal, à nossa realidade. Reconhece-se, de qualquer forma que qualquer definição que se siga neste campo deixará de fora dos estudos uma parte substancial desta população, impedindo, este fato, de traçar um retrato objetivo e global deste fenómeno.

Verifica-se, assim, que as dificuldades de concetualização deste fenómeno, com ausência de consenso no que diz respeito a uma possível definição do mesmo, e, também, de medidas avaliativas do mesmo, isto é, critérios operacionais que permitam definir o que uma definição pode ou não pode abarcar, são outros tantos obstáculos à realização de estudos mais aprofundados sobre esta matéria.

E como sabemos, agora, que a terminologia “*Sem-Abrigo*” designa realidades diversas, convém lembrar que, isolados do seu contexto, os dados recolhidos numa qualquer investigação neste domínio, pouco significam.

2. METODOLOGIA

Durante este percurso de investigação foi possível averiguar que o ser e o estar sem-abrigo constitui um período de crise pessoal profunda. Deste modo torna-se obrigatório e pertinente analisar a maneira como estes indivíduos labutam com as fatalidades que a sociedade e a vida lhe proporcionam, para que, desta forma, seja possível ajuda-lo no processo de reinserção.

A exclusão social é concebida pela sociedade e pela sua própria configuração e, logo, sem mudanças sociais não é possível resolver o problema, sendo por isso necessário construir um novo entendimento sobre este fenómeno, uma vez que o que se tem feito ao nível das políticas sociais e de criação de emprego não colmata as necessidades dos sem-abrigo, nem garante o seu processo de inclusão.

Tendo em atenção que este é um projeto de investigação que visa uma análise aprofundada sobre a problemática dos sem-abrigo, a modalidade escolhida foi a investigação qualitativa, por duas razões pertinentes:

- Primeiro porque centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou valores por parte do investigador, do cliente e da comunidade.
- Segundo porque através desta metodologia poder-se-á captar o mundo vivido dos sem-abrigo, no sentido de entender as suas representações, as suas esperanças sobre o futuro e opinião perante à sociedade.

Na abordagem da investigação qualitativa foi utilizada uma metodologia descritiva, compreensiva e exploratória que teve a sua sustentabilidade, a partir das respostas obtidas através de entrevista semi-estruturada.

Mais importante do que a opinião dos que analisam o fenómeno comodamente nos escritórios, nos ministérios é o conhecimento dos que experienciam o processo de exclusão. Desta forma, trata-se de invocar à articulação entre a prática e a teoria de modo a que futuras políticas possam, eventualmente, ter respostas mais eficazes na resolução deste fenómeno, particularmente o dos sem-abrigo.

3. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

3.1 OBJETIVO GERAL

De acordo com a literatura o objetivo geral de um projeto de investigação depende em larga medida dos fenómenos a estudar e do maior ou menor controlo a que as variáveis submetem. Deste modo, este trabalho tem como objetivo geral, conhecer e apreender a perspetiva do sem-abrigo em relação a futuro.

3.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Apreender os motivos indicados pelos sem-abrigo para manutenção da sua condição de excluído
- Saber quais são, segundo os sem-abrigo, as condições que os ajudariam a integrar-se na sociedade
- Conhecer a opinião dos sem-abrigo em relação ao trabalho levado a cabo pela "Associação Cais".

4. METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS

Tendo em conta o que foi invocado, nos primeiros parágrafos deste capítulo torna-se compreensível que o estudo deste fenómeno social dos sem-abrigo se enquadre numa vertente qualitativa.

A abordagem da investigação qualitativa exige que a sociedade seja estudada e contemplada com a ideia de que nada é banal, que tudo tem potencial porque constitui uma pista que permite estabelecer uma compreensão mais elucidativa do objeto em estudo.

As técnicas de investigação traduzem-se nos instrumentos operatórios precisos e transmissíveis que podem ser usados em diferentes tipos de investigação para recolha e tratamento de dados sobre a realidade social (Sousa e Baptista, 2011).

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Entre vários tipos de entrevistas, opção recai sobre a entrevista semi-estruturada. Neste tipo de entrevista, o investigador tem um guião com os tópicos principais da entrevista, que serve apenas como orientação, até porque o entrevistador pode alterar a sequência dos assuntos a tratar ou introduzir novas questões para obter mais informações.

Não se recolhem dados com o objetivo de confirmar ou invalidar hipóteses construídas previamente, as abstrações são traçadas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando. Lógico que a problemática é esboçada à partida, contudo não temos a opinião de que sabemos o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação. A natureza do próprio objeto de estudo em causa, por focar a vida pessoal, exige uma metodologia que permita uma compreensão das experiências subjetivas dos indivíduos.

Entende-se que a entrevista de história de vida constitui a técnica de recolha de informação adequada para procurar obter os testemunhos dos entrevistados, assumindo os mesmos como fundamentais para se compreender a exclusão social. Assim, foram realizada 5 entrevistas (com base num guião previamente construído) sobre histórias de vida, junto da população alvo dos sem-abrigo da cidade de Lisboa.

É importante salientar que para a realização das entrevistas, abordei os sem-abrigo que vagueiam pela cidade, mais precisamente na baixa de Lisboa.

A técnica biográfica proporciona uma visão do sujeito, como se uma “*janela*” abrisse para o conhecimento, permitindo a sua apreensão ao nível da *realidade representada* no teatro social, isto é, o que pensa de si próprio, mas de igual forma, a *realidade vivida* por estes sujeitos, na sua vida quotidiana, no caso, a dos sem-abrigo. Trata-se portanto de uma técnica que repousa no conhecimento inter-subjectivo e na narrativa que os sujeitos constroem, permitindo quer a compreensão do sentido que os indivíduos atribuem às suas vidas, quer o apreender da sua dimensão objetiva.

O resultado que se espera (da informação a recolher) é um texto pessoal e social, um texto a ser lido e interpretado no sentido de obter informação acerca de uma realidade social através de experiências individuais. Mas as histórias de vida estão envoltas na falta de algum consenso na comunidade científica, uma vez que são o relato das vivências do seu narrador, da vontade que ele tem em contar ou omitir determinados

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

factos da sua vida, e da forma como ele próprio interpreta as suas vivências. Logo, facilmente compreendem o forte carácter subjetivo nela presente.

Mas no mundo da investigação nenhum investigador pode garantir que perante a utilização de um outro método, com um carácter de maior objetividade (como, por exemplo, o inquérito por questionário), o inquirido ou entrevistado responda objetivamente às questões, até porque, nesta situação, o inquirido pode não compreender a questão, pode responder de uma forma socialmente correta, entre muitas outras situações que poderão ocorrer e enviesar as respostas e, conseqüentemente, o conhecimento acerca da realidade em estudo.

Ainda que os sem-abrigo tenham em comum a partilha do espaço público, as mesmas necessidades de sobrevivência e, eventualmente, as mesmas estratégias, cada um deles tem a sua própria história de vida, que a determinado momento sofreu uma rutura, de tal forma profunda, que os coloca a viver na rua.

5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

5.1 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Os resultados aqui apresentados serão comparados com a literatura existente analisada para estender a teoria (no caso de os resultados não estarem de acordo com a literatura), para aumentar a generalização (quando os resultados estão de acordo com a literatura) e para aumentar o nível teórico da criação de teoria a partir de casos de estudo.

Os dados apresentados, neste capítulo, resultaram, de acordo com o explicitado anteriormente, da realização de entrevistas à elementos da nossa população – alvo – os sem-abrigo.

Tendo em conta que a diferença entre uma entrevista bem conseguida ou não depende de fatores ligados à situação em que a entrevista ocorre, ao entrevistador, ao entrevistado e à linguagem utilizada, acreditamos que todos estes fatores foram tidos em

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

conta de forma a alcançar, mediante as condições referidas, entrevistas profícuas para o estudo.

Para a análise dos dados, teve-se em conta uma análise inicialmente constituída em termos genéricos e, posteriormente, os dados foram trabalhados e agrupados, de forma a constituir o ponto de partida para a construção de narrativas que envolveram a seleção de citações e identificação de dados ilustrativos dos resultados obtidos.

Para dar continuidade à investigação procedeu-se a uma análise dos dados recolhidos. “*A análise dos dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas (...) com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou*”. (Bogdan e Biklen, 1994: 205).

Como principal metodologia de tratamento de dados utilizou-se a análise de conteúdo, que consiste numa “técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação”. (Berelson, 1952, citado por Carmo e Ferreira, 1998: 251). De acordo com Turato (2003), as técnicas da análise de conteúdo estão para os estudos qualitativos, como as técnicas estatísticas estão para os estudos quantitativos.

Segundo Bardin (2002), a análise de conteúdo não deve ser utilizada apenas para se proceder a uma descrição do conteúdo das mensagens, pois a sua principal finalidade é a inferência dos conhecimentos relativos às condições de produção/receção, com a ajuda de indicadores (quantitativos ou não).

Para Carmo e Ferreira (1998:252), as análises de conteúdo podem ser de diferentes tipos pelo que enquadraríamos este estudo como sendo uma análise de exploração, qualitativa, indireta: de *exploração*, porque a nossa única finalidade será explorar; *qualitativa*, porque pretende dar relevância ao interesse e valor do tema; *indireta*, porque procurará uma interpretação da linguagem expressa e não apenas a contagem de certos temas.

Deram-se os primeiros passos para a descrição e análise dos testemunhos apurados, tendo por base os objetivos e as dimensões de investigação previamente traçados e já anteriormente referidos.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

As entrevistas foram lidas diversas vezes e, a partir daí, procedeu-se à análise dos dados. Assim, e após essa leitura minuciosa, e tendo em conta o enquadramento teórico, procedeu-se à análise das mesmas.

5.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

A apresentação e a análise dos dados das entrevistas encontram-se organizadas em duas partes essenciais, de acordo com a própria estrutura da entrevista, sendo que a última parte se subdivide em quatro temas:

- ✓ PARTE I: A – caracterização sócio - demográfica dos inquiridos; esta caracterização abarca o nome, a idade, a ocupação, a naturalidade/nacionalidade, a residência, o estado civil, o grau de escolaridade, nome dos pais, número de irmãos e escolaridade de todos.
- ✓ PARTE II: abarca os subtemas infância (duas questões), trabalho/atividade profissional (duas questões), família e conjugalidade (duas questões), e, finalmente, parte essencial do nosso trabalho empírico, a situação de sem-abrigo (dezanove questões). Quando falamos em questões, referimo-nos apenas a meras questões orientadoras, uma vez que se trata de uma entrevista semi-estruturada cujo guião, ainda que orientando, permite uma maior liberdade de resposta ao entrevistado.

Importa, antes de mais referir data, hora (de início e de término) e local da realização das cinco entrevistas. Para tal foi elaborado o seguinte quadro síntese desses dados:

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Tabela 1 - Dados sobre a realização das entrevistas

DADOS	E1	E2	E3	E4	E5
Data	21/05	22/05	31/05	15/06	25/06
Local	Rossio	Terreiro do Paço	Belém	Belém	Belém
Hora de Início	21h	21h	9h30	10h	12h30
Hora de Término	21h50	21h50	10h45	10h45	13h

Verifica-se, assim, que as entrevistas decorreram entre 21 de Maio e 25 de Junho, tendo sido realizadas três no mês de Maio e as duas restantes no mês seguinte.

Numa primeira fase, os dados foram compilados em quadros de acordo com cada parte e subparte da entrevista; assim, como a mesma apresentava 5 partes/subpartes distintas, foram elaboradas para cada um quadro compilativo dos dados obtidos. O tratamento desses dados foi efetuado da seguinte forma: primeiro foi analisado o quadro respeitante à caracterização sócio – demográfica dos entrevistados; depois, os referentes à segunda parte da entrevista; finalmente, partindo desta fragmentação da análise dos dados em registos mais pequenos, compilaram-se todos os dados obtidos num único texto que permitiu, para além da apresentação de todos os dados respeitantes ao item em análise, estabelecer comparações e estabelecer correlações entre a análise obtida e a fundamentação teórica do nosso estudo.

5.3 CARACTERIZAÇÃO SÓCIO – DEMOGRÁFICA DOS ENTREVISTADOS

Para a apresentação dos dados, houve necessidade de usar abreviaturas, compiladas no quadro imediatamente a seguir, de forma a facilitar a consulta e consequente análise das tabelas seguintes (tabelas, 2, 3, 4 e 5). Após os procedimentos descritos, foram inventariadas as informações obtidas a partir das declarações dos sujeitos que constituem a amostra deste estudo, a fim de proceder à classificação dos dados por comparação entre os mesmos.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Efetuada a recolha de dados e transcritas as cinco entrevistas, deram-se os primeiros passos para a descrição e interpretação dos testemunhos apurados, tendo por base os objetivos e as dimensões de investigação previamente traçados.

De modo a facilitar a posterior análise dos dados obtidos, começou-se por categorizar os entrevistados, atribuindo a cada um deles um algarismo por ordem de realização das entrevistas.

Desta forma, os entrevistados passam doravante a ser designados por E1, E2,..., e assim sucessivamente, até um total de cinco, como se pode observar nas entrevistas que integram este volume em anexo (anexo B).

Tabela 2 - Lista de abreviaturas usadas nos quadros de compilação dos dados obtidos.

Entrevistado	E
Entrevistado 1	E1
Entrevistado 2	E2
Entrevistado 3	E3
Entrevistado 4	E4
Entrevistado 5	E5
Não Respondeu	NR

Parece-nos importante, antes de procedermos à análise dos dados obtidos, traçar o perfil dos entrevistados que participaram neste estudo.

Assim, após observação do quadro a seguir, verificamos que existe um maior número de participantes do sexo masculino, 4 em 5, o que equivale a 80% do total dos entrevistados, embora tal facto não pareça ter qualquer influência significativa devido ao reduzido número de participantes. A faixa etária dos entrevistados varia entre os 35 e os 43 anos (2 entrevistados) e todos apresentam uma ocupação (empregado de

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

escritório, de balcão, ajudante de eletricista e dois serventes). Relativamente, ao dado “*naturalidade*” apenas dois dos entrevistados responderam (ambos “*angolana*”), pelo que se poderá concluir que os entrevistados não compreenderam o que lhes era perguntado ou que, pelo fato de imediatamente a seguir terem de indicar a sua nacionalidade, e provavelmente esta se confundir, no caso dos três E que não responderam ao item anterior, com a naturalidade, não sentiram necessidade de responder aos dois dados solicitados (naturalidade e nacionalidade). No que diz respeito à nacionalidade todos os E indicam “*portuguesa*”, à exceção do E4 que indica “*Lisboa*”, como devidamente assinalado a verde na figura abaixo. Cada entrevistado indicou uma área de residência diferente (Rossio, Campo Grande, Carnaxide, Portela, Carcavelos) e todos são solteiros à exceção do E1 que indica como estado civil “*divorciado*”. No respeitante à escolaridade, esta é muito variável nos nossos entrevistados, indo do 12º ano (E1) ao 2º ano (sem qualquer referência ao nível de ensino, isto é, 1º ou 2º ciclo do Ensino Básico), passando pelos 6º, 8º e 9º anos. Todos os entrevistados à exceção do E4 indicaram os nomes do pai e da mãe e todos indicaram o número de irmãos que têm, de 2 para o E1, 3 para os E2, 4 e 5 e 9 para o E3. Relativamente à escolaridade dos pais, todos os E responderam, situando-se a mesma entre o 9º ano (pai de E3) e a 2ª classe (pai de E4), verificando-se maior homogeneidade nas mães, uma vez que todas têm a 4ª classe à exceção da mãe de E1 que tem a 6ª classe. No respeitante à escolaridade dos irmãos dos nossos E, verifica-se que todos têm uma escolaridade superior, e em alguns casos até mesmo muito superior (Curso superior, irmão E1; do 9º ao 12º ano, irmãos de E3) aos E. salvo o caso de E5 que refere um irmão com o 7º ano de escolaridade (inferior, portanto, à dele que tem o 9º ano).

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

DADOS APURADOS	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4	E. 5	
Idade	43	36	37	35	43	
Ocupação	Empregado de Escritório	Empregada de balcão	Ajudante de eletricista	Servente	Servente da Construção Civil	
Naturalidade	NR	NR	Angolana	NR	Angolana	
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Lisboa	Portuguesa	
Residência	Rossio	Campo Grande	Carnaxide	Portela	Carcavelos	
Estado civil	Divorciado	Solteira	Solteiro	Solteiro	Solteiro	
Escolaridade	12º ano	6º ano	2º ano	8º ano	9º ano	
Nº de irmãos	2	3	9	3	3	
Escolaridade	Pai	4ª classe	4ª classe	9º ano	2ª Classe	4ª classe

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

	Mãe	6ª classe	4ª classe	4ª classe	4ª Classe	4ª classe
	Irmão	Curso Superior	9º ano	Refere apenas do 9º ano ao 12º ano	Refere apenas 9º ano	7º ano
	Irmão	Formação Profissional	9º ano			9º ano
	Irmão	-----	12º Ano			10º ano

Tabela 3: Caracterização Sócio-Demográfica dos Entrevistados

6. ANÁLISE DE CONTEÚDO

No tratamento e análise dos dados obtidos na entrevista, utilizamos a análise de conteúdo, que é, segundo Henri e Moscovici (1968), citados por Ghiglione e Matalon (2002: 178), “*uma técnica para fazer inferências por identificação sistemática e objetiva das características específicas de uma mensagem.*” Também Bardin (2007: 38) sublinha que a análise de conteúdo é “*um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens*” cuja intenção “*é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de receção), inferência esta que decorre de indicadores.*”

Neste sentido, a análise de conteúdo possibilita reunir, organizar e classificar dados, permitindo mostrar e compreender a importância atribuída pelos sujeitos aos temas estudados, e “*permite efetuar inferências com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens, cujas características foram inventariadas e sistematizadas*” (Vala, 1992:104).

O investigador tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir, isto é deduzir de forma lógica, conhecimentos. Trabalha com índices meticulosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Assim, se a descrição (enumeração das características do texto, após tratamento) é a primeira etapa necessária e a interpretação (significação concedida a essas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada de uma a outra (Bardin, 2002).

As cinco entrevistas constituíram o “*corpus*” de análise, ou seja, o conjunto de documentos a serem submetidos aos procedimentos analíticos (Bardin, 2002).

Obtivemos, após esta fase, um conjunto volumoso de dados. Como referem Goetz e Lecompte (1998), esta fase representa um momento angustiante, para quem decide por esta técnica de análise. Este momento foi, também, por nós sentido como um momento difícil, pois dispúnhamos de um conjunto de dados que devíamos agora ordenar e organizar de maneira a poder trabalhar sobre eles mais profunda e objetivamente. Era, portanto, agora necessário desenvolver um processo de redução dos dados, indispensável numa análise qualitativa (Vala, 1992).

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Assim, em função da questão do estudo em conjugação com os objetivos do mesmo e a revisão de literatura efetuada, bem como com as questões delineadas para a entrevista semiestruturada, no que diz respeito à definição de categorias recorreremos à sua definição *à priori*.

7. IDENTIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS

Ao longo desta fase, não consideramos alguns conteúdos por nos parecerem dispensáveis à investigação, no entanto, sentimos a necessidade de assinalar outros que, embora pudessem estar relacionados de forma indireta com o nosso estudo, foram selecionados para a discussão dos dados, por considerarmos serem importantes para o sucesso da investigação.

Na identificação das quatro categorias, tivemos sempre como referente os objetivos que definimos para esta pesquisa, a revisão da literatura, considerando também a natureza da própria informação (Vala, 1992; Ghiglione e Matalon, 2002).

O procedimento seguinte consistiu em estabelecer e identificar novas unidades de análise no interior das unidades mais vastas (ou categorias) já identificadas, às quais chamamos subcategorias.

As subcategorias correspondem a diferentes ideias que foi possível identificar em cada categoria. Por exemplo, dentro da categoria “*Atividade Profissional*”, foi possível identificar três subcategorias, correspondentes às diferentes respostas dadas pelos entrevistados, das quais “*idade de entrada no mercado de trabalho*”, “*percurso profissional*” e “*relacionamento com os colegas de trabalho*” serão exemplos.

Da análise de conteúdo efetuada extraíram-se quatro categorias das quais emergiram 15 subcategorias, representadas na Matriz global de categoria e subcategoria (quadro seguinte) e cujos dados foram, posteriormente, analisados.

Categoria	Subcategoria
Infância	
Trabalho/atividade profissional	Entrada no mercado de trabalho

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

	Percurso Profissional
	Relacionamento com os colegas de trabalho
Família/conjugalidade	Relação com a família
	Experiência de conjugalidade
	Expetativas em relação ao futuro e à família
Sem-Abrigo	Sem-Abrigo: razões
	Como se lida com a situação
	Amizades e relações criadas.
	Do que é que se sente mais falta
	Como se é tratado pelos “ <i>outros</i> ”
	Como sair desta situação/necessidades
	Experiências marcantes
	Avaliação do trajeto de excluído
	Perspetivas de futuro

Tabela 4 - Matriz Global dos Sistemas de Categorias e Subcategorias

Observamos, assim, que é a categoria “*sem-abrigo*” que apela a um maior número de subcategorias (nove), na organização dos dados, seguida da “*Família/conjugalidade*” e do “*Trabalho/atividade profissional*”, com três subcategorias cada, não tendo sido apontada nenhuma subcategoria para a categoria “*infância*”.

7.1 INFÂNCIA

De acordo com a nossa revisão da literatura os sem-abrigo dispõem de um frágil apoio familiar com o qual apenas podem contar em caso de necessidade, sendo muitos

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

deles criados fora da família nuclear em instituições ou com familiares (avós, tios,...) pelo que esta herança sócio cultural expõe-nos mais à precariedade ao menor incidente de percurso nas suas vidas.

No entanto, nem sempre é assim, pois na análise efetuada e em relação a esta temática, verifica-se que todos os entrevistados cresceram com a sua família nuclear. A maioria dos entrevistados quando se refere a este período da sua vida, porque o percecionam harmonioso, apontam um período feliz em que existia respeito, nenhum deles referindo qualquer clima de discussão ou de tensão no seu ambiente familiar: *“a minha infância até aos catorze anos foi muito boa”* (E3); *“os meus pais sempre me apoiaram quer na escola, quer em casa... facilitavam muito as minhas saídas com amigos”* (E1); *“tive uma excelente relação com os meus irmãos”* (E1); *“Durante a infância estabeleci muitas amizades” com muitos colegas da escola, de uma equipa de futebol* (E1); *“Foi uma infância normal, brincava, estudava...os meus pais eram uns pais presentes, davam-me tudo”* (E5); *“Sempre tive uma boa infância, fui sempre à escola, aliás até era bom aluno”* (E4).

7.2 TRABALHO/ATIVIDADE PROFISSIONAL

Os nossos entrevistados referem, neste item, empregos geralmente precários. Tal conduz muitas vezes a um forte sentimento de vergonha uma vez que as pessoas são, geralmente, incluídas na sociedade graças a um emprego, ainda que precário, e excluídas pela sua vida errante.

Relativamente à **entrada no mercado de trabalho**, todos os entrevistados referem que tiveram que começar a trabalhar relativamente cedo, embora por diferentes motivos:

E1 - *“Comecei a trabalhar com 18 anos. Sentia-me na obrigação de ajudar os meus pais”*;

E2 - *“Comecei com 14 anos. A minha primeira atividade foi num café como empregada de limpeza”*;

E 3 - *“Comecei a trabalhar com 15”*;

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

E4 – “*É assim: o meu pai trabalhava numa firma e eu desde miúdo para poder ganhar o meu dinheirinho para ter umas calças de marca ia trabalhar com o meu pai...tinha mais ou menos 14 ou 15 anos*”;

E5 – “*Comecei a trabalhar com 20 anos*”.

No que diz respeito ao seu **percurso profissional**, as opiniões divergem bastante: os E1 e E5 indicam uma certa estabilidade no emprego (“*Mantive – me sempre na mesma empresa e foram-me atribuídas ao longo dos anos tarefas de maior responsabilidade*”, E1); “*Fui para as obras ...e continuei até à data ...que as obras acabaram*”, E5); outro entrevistado prefere destacar o prazer que tinha na atividade que realizava (“*O que mais gostava de fazer era trabalhar no café, ter contato com os clientes*”, E2); Outros, ainda, referem que passaram por vários empregos ocasionais (“*trabalhei durante um ano num restaurante, não durou muito. Depois tive vários trabalhos, nas obras, como servente,...*” E3) ou que “*O meu percurso profissional já teve várias paragens. Agora prefiro vir aqui arrumar carros; no final levo 15 a 20 euros...dá muito melhor*”, (E4).

E mesmo se alguns entrevistados como E5 consideram que “*realizado não me sentia porque não era a profissão que eu queria*” ou “*A situação ficou um bocadinho complicada nos últimos dois anos até ser despedido*” (E1), todos referem um bom **relacionamento com os colegas de trabalho**:

E1 – “*Inicialmente muito bom*”;

E2 – “*Tínhamos um bom ambiente de trabalho*”;

E3 – “*O meu relacionamento com os colegas? Foi sempre bom*”;

E4 – “*Tive bons relacionamentos com os colegas de trabalho...Pronto; quando se fala do Firmino, toda a gente diz que o Firmino é fixe*”;

E5 – “*A minha relação era boa, era uma alegria, era uma paz*”.

7.3 FAMÍLIA/CONJUGALIDADE

O fenómeno dos sem-abrigo é um fenómeno social complexo e difícil de gerir, não apenas devido à pobreza mas, também, à “*dessocialização*”, isto é, à perda do elo

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

social; pois se uma pessoa pobre ainda tem, geralmente amigos e família, o sem-abrigo, muitas vezes, cortou com eles.

De facto, todos os nossos entrevistados, por exemplo no que diz respeito à **experiência de conjugalidade**, se encontram presentemente sozinhos (ainda que dois deles (E3 e E5) afirmem ser por opção), não referindo, para o momento em estudo, qualquer tipo de relacionamento, mesmo se todos, à exceção de um que se declara solteiro (E5) já foram casados ou viveram com alguém.

Tal constatação talvez se possa explicar, como refere a revisão da literatura, pelo fato de, a nível conjugal, os homens (que são a maioria dos nossos entrevistados, 4 em 5), regra geral, manterem um menor número de relacionamentos e menos duradouros com companheiras, encontrando-se assim nitidamente mais sozinhos por comparação às mulheres.

Vejamos o que dizem a este respeito:

E1 – *“Sim já vivi com alguém e tinha uma vida feliz ...até ao consumo das drogas”;*

E2 – *“Já vivi com alguém e posso dizer que é uma experiência única; aprendi muito”;*

E3 – *“ Por enquanto não encontrei a pessoa certa; a vida de solteira é fixe”;*

E4 – *“Tenho filhos, já tive uma ou duas relações mas só que foi na altura errada...era muito jovem...ilusões da vida e houve muitos problemas”;*

E5 – *“ Gosto de ser independente; sinto falta de uma relação, mas gosto da minha liberdade”.*

Da análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas parece existir uma contradição entre os dados apurados neste item e os recolhidos no último tópico no que diz respeito à subcategoria *“amizades e relações criadas”*.

No entanto, destacando o vocábulo *“criadas”*, este justifica então todas as diferenças encontrada entre os resultados obtidos nos dois parâmetros, isto é, *“relação com a família”* e *“amizades e relações criadas”* como tão bem o explica E5: *“Desde que comecei a andar na rua, comecei a fazer outras amizades com pessoal que também vivia na rua. Passaram a ser a minha verdadeira família e amigos”*.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Se por um lado, os nossos entrevistados destacam e assumem, como veremos a seguir as relações criadas no mundo em que vivem atualmente, por outro lado, assumem que devido à sua vivência errante presente a relação com a família se encontra afetada, pelo que mantêm pouco contato com os seus familiares porque não têm interesse ou vontade (“*não me dou muito bem com eles*” (E5)) ou por vergonha da sua situação (“*causei alguns desgostos*”, “*sentia-me mal perante a minha família*”(E4)) ou devido a conflitos não resolvidos anteriormente (“*não sou aceite da mesma forma*”, (E1), “*discutia com o meu pai, não dava ouvidos aos conselhos que a minha mãe dava*”, (E2);) e que “*a minha relação com a família desapareceu*” (E5); “*não tenho qualquer relacionamento com eles*” (E1).

Assim sendo, e relativamente às suas **expetativas em relação ao futuro e à família**, mesmo nos casos em que ainda resta algum pouco contato familiar, regular ou esporádico, com a família de origem, e sobretudo os pais ou os filhos, importa salientar que os entrevistados afirmam não poder contar com a sua ajuda efetiva para sair da situação em que se encontram: “*expetativas em relação ao futuro e à família? Até ao momento não tenho nenhuma, uma vez que apesar de estar atualmente reabilitado ainda não sou aceite da mesma forma.*” (E1); “*já não vejo a minha mãe há 24 anos, portanto, eu não sei...*” (E3); “*a expetativa é baixa; em termos económicos os meus familiares não têm muito*” (E4); “*gostaria de estar junto deles se o mundo o permitir*” (E5).

7.4 SEM-ABRIGO

Mesmo os sem-abrigo mais marginalizados não vivem num mundo diferente e não constituem um grupo humano fixo, uma vez que entram e saem dessa condição de Sem-Abrigo ao longo da sua vida, logo não constituem uma categoria social homogénea; as vivências de um sem-abrigo, em termos de rendimento, de elo social, ... não correspondem à situação de um qualquer outro sem-abrigo. Entende-se que o sem-abrigo é um ator da sociedade uma vez que se entende também que o afastar dos elos sociais não equivale a uma morte social.

Como se verifica pelos dados obtidos nesta categoria, os sem-abrigo são, também, atores sociais, que agem segundo as suas crenças; efetuam escolhas; desenvolvem estratégias a prazo, curto, médio ou longo, e têm opiniões, ideias, valores.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Por vezes, as suas decisões podem ser mal percebidas; por exemplo recusar viver nas estruturas especializadas, mas nem por isso são irracionais. Essa recusa pode ser motivada, por exemplo, apenas pela necessidade de preservar a sua dignidade ou para rejeitar uma promiscuidade demasiado dolorosa a suportar.

Como vimos ao longo de todo o estudo, parte teórica e parte empírica, a terminologia “*sem-abrigo*” refere-se a uma população muito heterogénea com indivíduos com percursos de vida diferentes e com características físicas, psicológicas e materiais próprias.

Como se verificou no estudo teórico e no que diz respeito à condição de sem-abrigo, as causas mais apontadas são a rutura (familiar, conjugal), a toxicodependência e o alcoolismo.

Ora, quando questionados sobre as **razões** que os levaram à condição de sem – abrigo, os nossos entrevistados são, tal como refere a literatura, quase unânimes (à exceção de E5) em apontar a toxicodependência como causa principal; por sinal, um dos maiores problemas encontrados com mais frequência entre os sem – abrigo, em geral. Até porque sabemos, com base na revisão da literatura feita anteriormente, que este consumo é um problema crescente entre esta população específica. A maioria dos entrevistados confessa a sua dependência das drogas, revelando que na micro sociedade a que pertence, onde a característica comum é a precariedade, a sua principal preocupação é, portanto, alimentar-se e não passar frio. Assim explicam o fato do seu comportamento aditivo os ter conduzido à perda do lar, da família, do abrigo:

E1 – “...*de uma forma muito rápida o que me conduziu para este mundo foi o consumo de drogas...*”;

E2 – “*Tive um namorado toxicodependente, tentei ajudá-lo mas cáí na tentação...*”;

E3 – “...*comecei a fumar cigarros, a fumar ganza...*”;

E4 – “*Tive que abandonar o meu lar por causa do problema da droga; andei por maus caminhos...*”

Mas **como lidar com esta situação?** Vejamos então: o fenómeno dos sem-abrigo é problemático quer ao nível da sua dimensão material quer pelo fato de existir no seio do fenómeno mais vasto da pobreza.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

Verifica-se, dos dados recolhidos e da pesquisa bibliográfica previamente efetuada que os indivíduos sem-abrigo são-no devido à sua situação de múltiplas carências que só um esforço de regulação social sustentado poderá solucionar no sentido de criar um modelo de sociedade mas justo, menos desigual, mais atento às necessidades de vária ordem de cada indivíduo.

Para que tal aconteça e que este sistema funcione seria fundamental que todos, os cidadãos comuns, encarassem a existência de sem-abrigos de forma diferente, com respeito e responsabilidade, sem a indiferença que muitas vezes nos caracteriza atualmente.

Para lidar com a sua situação de sem-abrigo, os nossos entrevistados referem várias estratégias de sobrevivência e, em alguns casos, várias em simultâneo desde a mendicidade, os biscates ou arrumação de carros, numa atitude de organização pessoal e acomodação, quase aceitação, à vida da rua:

E5 – *“Vou desenrascando-me com algumas moedas que ganho com arrumação de carros...mas esta não é vida.”*

E4 – *“Eu acho que não merecia passar por esta situação”; “Sentia-me excluído”*

E3 – *“Eu sempre lutei, lutei...”*

E2 – *“Comecei realmente a sentir falta das pessoas que me amavam, principalmente da minha família”; “Tentaram ajudar-me mas eu não quis, achei que estava bem, nunca aceitei ajuda de ninguém”*

E1 – *“Viver um dia de cada vez, sem perspetiva de futuro”.*

Verifica-se também que os nossos entrevistados não se encontraram sempre numa situação permanente de sem-abrigo e totalmente excluídos da sociedade. Encontram-se, antes, mais numa situação passageira devida a uma rutura (qualquer que seja a situação), familiar, de emprego, pelo que o enfraquecimento dos diversos tipos de laços sociais se apresenta como fator explicativo do fenómeno dos sem-abrigo e, também, da forma como são **percebidos e tratados pelos “outros”**.

No entanto, e nos casos em análise verifica-se isso, as relações familiares, a inclusão (e/ou integração) ou os elos de cidadania podem estar, de fato, descuidados, modificados, transformados ou fragilizados mas continuam a existir. Há relações que

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

acabam, outras que se constroem, que se consomem, que se voltam a fortalecer. Os laços com familiares, amigos e conhecidos podem terminar com a chegada à rua, mas podem também reconfigurar-se, continuando, mas dando menor proteção e reconhecimento.

Quando questionados sobre as **amizades e as relações que criaram**, por exemplo, dentro da instituição respondem: *“fiz amizades com pessoas que estavam na minha situação e outras não”* (E2); *“fui conhecendo pessoas...”*, *“Fui criando relações com eles”*, *“Passaram a ser os meus amigos e amigas”* (E3); *“claro que fiz imensos amigos”*, *“eu tenho amigos”* (E4); *“eles passaram a ser os meus amigos”* (E1).

Apesar dos dispositivos de ajuda cada vez mais orientados para a sua situação, (a que alguns se referem e nomeadamente as instituições: *“acho que esta instituição vai permitir que eu me sinta novamente realizado como homem”* (E1); *“elogio o profissionalismo de quem aqui trabalha”* (E1); *“este lugar dá-me a oportunidade de viver com mais dignidade”* (E2); *“os dirigentes também eram ex-toxicodependentes e sempre me receberam de braços abertos”* (E3)) os sem-abrigo continuam a ser, em Portugal, uma população mal conhecida mesmo se cada vez mais estudos sociológicos e etnológicos tentam fornecer elementos novos à compreensão deste grupo populacional.

A leitura dos dados recolhidos permite-nos uma compilação de vários elementos relativamente ao item **“Do que é que sente mais falta?”**, mesmo se todos os entrevistados referem em primeiro lugar a família:

“Do que senti mais falta foi sempre dos meus pais” (E5);

“A família e a casa; principalmente a família” (E4);

“Da minha mãe” (E3).

No entanto, outros referem-se, sem a nomear à exclusão de que são vítimas, pelo que se compreende que deverá ser explorado sempre, quer pelas instituições quer pelos próprios indivíduos, o caminho a seguir para uma verdadeira e consistente reabilitação do sem-abrigo, capaz de lhe restituir sentido de vida, dignidade e autonomia:

“A relação que tinha com os amigos que conheci quando ainda andava a trabalhar deixou de existir...pronto...senti que me puseram de parte” (E5).

Quando questionados sobre **como sair da situação de sem-abrigo e das necessidades** que sentem, é preponderante a referencia às instituições capazes de ajudar

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

o sem-abrigo a superar as suas necessidades mais prementes e, até mesmo, sair da situação em que se encontram: *“as instituições ajudam muito”* (E3); *“é um lugar que me dá a oportunidade de viver com mais dignidade”, “É um espaço onde tenho a oportunidade de viver o mundo real novamente, “Partilho as minha ideias com boa gente”* (E2);

Todos os nossos entrevistados confirmam que recorrem às instituições no que diz respeito aos vários recursos que as mesmas disponibilizam tais como abrigos onde pernoitar, distribuição de alimentos, apoio nas medidas assistenciais e burocráticas.

Também evidenciam a sua satisfação com os serviços prestados por essas instituições mesmo se também apontam alguns aspetos negativos (*“no início foram muito cordiais mas com o passar do tempo foram exigindo mais quer a nível físico, quer a nível psicológico”,* E1; *“eu não confiava muito neles”,* E3), mas como podemos verificar dos resultados obtidos, os entrevistados testemunham uma certa heterogeneidade no tipo de serviços prestados pelas diversas instituições de apoio.

Referem, também, outras formas de sair desta situação:

“Se tivesse apoio direto da família e arranjasse um emprego conseguiria sair desta situação” (E1);

“Tenho de ter autoconfiança, aceitar o apoio que os outros me querem dar e ter força de vontade” (E2);

“Tinha que parar de me drogar” (E3);

“Acho que se tiver mais apoios...” (E4);

Em relação às **experiências marcantes** das suas vidas. Os aspetos negativos e positivos, apercebemo-nos que os nossos entrevistados referem coisas boas e coisas más, apesar de, no cômputo geral, terem sido mais más do que boas.

Antes de analisarmos e discutirmos aquilo que foi recolhido neste item, importa destacar o fato de todos os entrevistados se terem referido no início da entrevista ao seu período de infância como tendo sido agradável e harmonioso, o que sabemos, contribui sempre, para uma formação, uma preparação mais adequada e eficiente para a vida futura. E ainda que não tenha sido o caso para os nossos entrevistados, acreditamos que esse período feliz, apesar de tudo, terá contribuído de alguma forma, para minorar as experiências negativas associadas à vida dos sem-abrigo e que os nossos entrevistados

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

referem ou, pelo contrário, valorizar as mais positivas. Dessas experiências marcantes destacamos:

E1 – *“Para ser sincero foi o ter entrado na droga. E também o preconceito das pessoas”.*

No entanto, o mesmo entrevistado ainda aponta uma experiência positiva *“o tratamento que a instituição me proporcionou e que me permitiu ter uma vida social normal”* e outra negativa *“ter abandonado a minha família e ter perdido tudo.”*

E2 – *“o facto de eu não deixar de acreditar em mim mesmo passando aquilo que já passei.”*

Assim se compreendem perfeitamente, porque interligadas e justificativas da afirmação acima transcrita, as duas experiências que escolhe como positiva e negativa: *“ter conhecido pessoas espetaculares que sempre quiseram ajudar-me”* e *“ter abandonado a minha família, tê-la deixado na angústia e na tristeza”.*

Os outros três entrevistados declaram que não têm experiências marcantes na sua vida, assim como não destacam nenhuma experiência positiva; no entanto, os mesmos três elementos referem como experiência negativa o não terem seguido os conselhos dos familiares mais próximos e o ter entrado para o mundo da droga perdendo tudo.

Para a definição do termo *“sem – abrigo”*, usamos outros como *“exclusão social”* ou *“marginalização”*. Falamos, portanto, de pessoas destituídas de tudo aquilo que é essencial para a vida de um ser humano: comida, alojamento, cuidados de saúde, educação, trabalho e afetos. Como tal, interessou, para este estudo, fazer **a avaliação do trajeto de excluído** dos nossos entrevistados.

Compreende-se, pela leitura de dados apurados, que estes se encontram permanentemente em conflito, manifestando uma constante angústia de abandono, onde predominam sentimentos de rejeição e exclusão, justificados por uma maior vulnerabilidade e fragilidades pessoais; sentimentos que, embora os nossos entrevistados tenham referido uma infância feliz, se alastram, segundo eles desde há muitos anos ao longo da adolescência, no trabalho e na comunidade com o progressivo aparecimento de comportamentos problemáticos que vieram reforçar constantemente os mecanismos de rejeição.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

“Não desejo isto ao meu pior inimigo” (E5), “é o pior que aconteceu na minha vida” (E3), “é um momento terrível da nossa vida...são momentos que nem vontade dá de lembrar” (E2) ou, ainda, “é o fundo do poço...” são as frases a que os nossos entrevistados recorreram para avaliar o seu percurso de excluído.

No entanto alguns referem conseguirem manter ainda algum nível de integração, ou porque psicologicamente são mais resistentes ou porque o meio familiar e educacional mais positivo e facilitador lhes permitiu adquirir meios de defesa diferentes e mais eficientes: *“Só conseguimos ultrapassar com a ajuda de alguém; consegui levantar-me...temos é que ter aquela força interior como um impulso” (E1).*

Relativamente às **perspetivas de futuro**, os entrevistados mostram-se esperançados em conseguir ultrapassar a sua situação atual de sem-abrigo, mesmo se esta perspetiva parece *a priori* incoerente se anotarmos a falta de referência a qualquer estratégia para conseguir os seus objetivos e a compararmos com o tempo em que cada um deles se encontra nesta situação: *“Vivo na rua há muitos anos”, (E5); “estou nesta situação há mais ou menos cinco anos e tal” (E4); “Estou nesta situação há cerca de 4 anos” (E1).*

Talvez possamos explicar tais perspetivas tão otimistas em relação ao futuro, fruto acreditamos nós mais de um desejo do que propriamente de uma intenção de atuar perante a realidade, pelo fato dos nossos entrevistados apresentarem uma imagem idealizada de si-mesmo, auto – percecionando -se como pessoas capazes de sair da situação de sem – abrigo, imagem que, na verdade, não corresponde à sua prática na realidade.

De fato, quando questionados sobre o futuro, eis algumas das respostas obtidas:

“O que eu quero é encontrar um trabalho para juntar um dinheirinho. Quero estudar à noite, trabalhar de dia...é o que eu quero” (E5).

“Quero ir para Angola, estar com a minha mãe; o meu futuro, sinto que está em Angola” (E3).

“Vejo o meu futuro com mais alegria. Uma vida nova: tenho alguns objetivos a atingir. Quero encontrar um trabalho, estabilizar a minha vida e construir a minha família” (E2).

Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro

“Arranjar novo emprego e ter uma vida social normal num futuro já aí próximo” (E1).

De facto, as perspetivas de um futuro melhor existem, mas para a sua concretização carecemos ainda de sólidas bases teóricas que alicercem a intervenção de todos os agentes da sociedade e de reforçar as boas práticas profissionais que já existem nas associações e nas instituições ou, até mesmo junto das empresas que, juntas podem fazer muito em prol da inclusão deste grupo cada vez mais numeroso da nossa população

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve momentos fulcrais: a conceção, a pesquisa que norteou a fundamentação teórica e, finalmente, a análise dos dados obtidos ao longo de todo o trabalho.

No que diz respeito à conceção e respetiva metodologia, os objetivos foram alcançados, como ficou demonstrado ao longo do estudo e, nomeadamente, na parte empírica do trabalho onde pudemos traçar um perfil dos nossos entrevistados e compreender as suas vivências relativamente a diversas temáticas.

Tal permite-nos, e dando resposta à nossa pergunta de partida, concluir que a situação de “sem-abrigo” pode ser para alguns uma condição e, para outros, uma passagem.

No entanto, é importante identificar este trabalho como a primeira fase de outros, na medida em que se sente necessidade de lhe dar continuidade e consistência em termos de estudos posteriores.

Conforme apresentado anteriormente, os objetivos da presente tese foram os de *“conhecer e apreender as suas perspetivas em relação ao futuro através da compreensão dos seus motivos para a manutenção da sua situação de excluído; de conhecer “quais as condições que os ajudariam a integrar-se na sociedade”, nomeadamente “conhecendo a sua opinião em relação ao trabalho levado a cabo pelas instituições”*.

Foi no último capítulo, de análise, que se retiraram as conclusões mais importantes sobre toda a pertinência do trabalho desenvolvido, apesar de algumas questões ainda permanecerem em aberto.

Apesar de tudo, esta investigação mostrou que procurar alcançar resultados pela mudança da cultura representa uma das tarefas mais difíceis de serem conseguidas, sendo que o ritmo e a extensão da mudança dependem, em grande parte, do grau de aceitação e de resistência a essa mudança.

RESPOSTA À PERGUNTA DE PARTIDA

Ao aproximar do fim deste trabalho, as principais conclusões a reter são de que se reconhece a importância de identificar e compreender as auto-representações sociais dos sem-abrigo em torno do fenómeno exclusão social sem descurar os fatores que dificultam o seu processo de inclusão.

Este trabalho permite, ainda, apresentar algumas reflexões e sugestões resultantes do estudo feito e que, partilhadas, poderão interferir positivamente na aceitação de medidas que visem a melhoria do já referido processo de inclusão.

Uma resposta mais objetiva e conclusiva para a questão de partida “*Sem-abrigo: uma condição ou uma passagem*” ficará para estudos posteriores, qualitativos e quantitativos em número suficiente que permitam a generalização da análise realizada, que se pretendem, desde já, levar a cabo. E apesar dessa limitação, definiram-se metas, criaram-se expectativas e obtiveram-se bons resultados que nos permitem concluir que esta questão continua pertinente, uma vez que ficou demonstrado que os sem-abrigo são um fenómeno social e uma realidade muito presente na sociedade portuguesa atual.

SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Nos últimos tempos, a problemática da exclusão social tem representado uma vasta área de estudo a nível mundial. Em Portugal, estamos a dar os primeiros passos, sobretudo no sector dos sem-abrigo. Neste sentido, é cada vez mais necessário desenvolver projetos de investigação centrados neste tema da atualidade, por ser de grande importância para a área da política social, para que se possa começar a assimilar uma nova filosofia de inclusão/integração.

Uma vez que o presente trabalho se baseou num número reduzido de entrevistas e em análise documental, essencial à parte teórica deste estudo, sugere-se, como trabalhos futuros, a realização de estudos quantitativos.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

E embora não tenha sido possível aprofundar mais este estudo devido às limitações deste trabalho, entendemos que outras investigações poderiam ser desenvolvidas a partir desta, nomeadamente:

- Atendendo à escassez de literatura focalizada no tema, talvez fosse pertinente desenvolver estudos assentes nos princípios e procedimentos inerentes à teoria fundamentada nos dados, geralmente referida como *GroundedTheory* (teoria fundamentada nos dados).
- Desenvolver estudos de natureza longitudinal que permitam captar aspetos dinâmicos relacionados com os sem-abrigo e a sua inclusão na nossa sociedade.
- Realizar outras entrevistas, com características diferentes, de diferentes regiões, procurando identificar padrões alternativos de comportamento.

A presente investigação restringiu-se ao estudo qualitativo baseado em apenas cinco entrevistas. Dado o carácter singular do objeto de estudo, as conclusões extraídas poderão não ser passíveis de generalização analítica para contextos que não sejam semelhantes ao descrito.

O estudo baseou-se, também, grandemente na análise documental, reforçada pelas entrevistas realizadas não se considerando, por isso, evidências mais quantitativas. Para além disso, não foi possível aceder, por limitação temporal, a todas as fontes de informação que se crê que teriam sido úteis para aprofundar o estudo.

Além da possibilidade do estudo ser alterado pelos próprios preconceitos do investigador (e que se tentaram minimizar), o facto de se conduzir entrevistas semi-estruturadas pessoalmente implica que se tenha de entrar em linha de conta com os próprios preconceitos dos entrevistados.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. F. et al. (1992), *Exclusão social. Fatores e tipos de pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta Editora;

BARDIN, L. (2002), *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70;

BENTO, A; BARRETO, E. (2002), *Sem-Amor Sem-Abrigo*. Lisboa: Climepsi Editores;

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. (1994), *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994;

BOYDELL, K.; GOERING, P.; MORRELL-BELLAI, T. (2000), Narratives of identity: Representation of self in people who are homeless. *Qualitative Health Research*, 10(26), 26-38;

CARMO, H.; FERREIRA, M. M. (1998), *Metodologia da Investigação guia para a auto - aprendizagem*. Lisboa, Ed. Universidade Aberta;

COSTA, A. C. G. (1995), *Resiliência, Pedagogia da presença*. Modus Faciend: São Paulo;

COSTA, A. B. da (2004), *Exclusões Sociais*, 4º Ed. Lisboa: Coleção Fundação Mário Soares, Edição Gradiva;

CRUZ, S.; NEVES, M.; QUINTAS, A.; BASTOS, V. L. (2006), *Vidas à parte – passado, presente e futuro*. Porto: Associação dos Albergues Noturnos do Porto;

FERNANDES, A. T. (1991), “Formas e mecanismos de exclusão social”, in *Sociologia, nº1*, pp. 9-66, Porto: Imprensa Portuguesa;

FORTIN, M. (1999). *O Processo de Investigação: da conceção à realização*. Lisboa: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.;

GHIGLIONE, R.; MATALON, B. (2002), *O Inquérito: Teoria e Prática*, 4ª Ed. (Trad. Portuguesa). Oeiras: Celta Edições;

GOETZ, J. P. Y.; LECOMPTE, M. D. (1988), *Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa*. Madrid: Morata;

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

GOLDEN, A. (1998).« The Faces of the Homeless », *The Globe and Mail*, 28 may 1998;

JOB, F. P. (2003), *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações*. Tese Doutorado Inédita. Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo;

MARPSAT, M. (2007), Explorer les frontières. Recherches sur des catégories« enmarge». Mémoire présenté en vue de l’habilitation à diriger des recherches en sociologie, *Paris VIII, Documents de travail*, 145, Ined, mai 2007;

MOURA, L. (2000), *Os Homens Lixo*. Lisboa, LXXL – Edições;

PEREIRA, A. P.; SILVA, D. S. (1999), *Os Sem-Abrigo de Lisboa*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Câmara Municipal de Lisboa;

PEREIRA, A. P.; BARRETO, P.; FERNANDES, G. (2001), *Análise Longitudinal dos Sem-Abrigo em Lisboa: a situação em 2000: relatório final*. Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia civil e Câmara Municipal;

PIMENTA, M. (1992), *Os Sem-Abrigo da cidade de Lisboa*. Lisboa: Cáritas;

RODRIGUES, E. V.; SAMAGAIO, F.; FERREIRA, H.; MENDES, M. M.; JANUÁRIO, S. (1999), A Pobreza e a Exclusão Social – Teorias, Conceitos e Políticas Sociais em Portugal. *Separata da Revista da Faculdade de Letras, Sociologia, I Série, vol. IX*, Porto;

RUTTER, M. (1993), *Statistical and personal interactions, facets and perspectives*. In: Magnusson D, Allen V, editors. *Human development: an interactional perspective*. Academic Press; New York;

SIMÕES, M. R. C. (2007), *Comportamento de risco na adolescência*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian;

SOUSA, J. M.; BAPTISTA, S. C. (2011), *Como fazer Investigação, Dissertação, Teses e Relatórios, Segundo Bolonha*. 2º Ed. Lisboa: Pactor Editora;

THELEN, L. (1996), *Homeless People in Belgium and in Portugal : From the Loss of Chrono – Aesthesia to Social Nakedness*, European University Institute, Bruxelas;

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

THELEN, L. (2006), *L'exil de soi. sans-abri d'iciet d'ailleurs*. Saint Louis, Facultes universitaires, Bruxeles;

TURATO, E. R. (2003), *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis R.J: Editora Vozes;

VALA, J. (1992), Validation of polemical social representations: Introducing the intergroup differentiation of heterogeneity. *Social Science Information*, 37;

WEBGRAFIA

www.tsf.pt, consultado em janeiro de 2013

www.lnec.pt, consultado em dezembro de 2012

ANEXOS

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

ANEXO A: GUIÃO DA ENTREVISTA

Data: ___/___

Local:

Hora de início: ___h___

Hora de termino: ___h___

Dados sociográficos

Nome:

Idade:

Profissão / Ocupação:

Nacionalidade / Naturalidade:

Estado civil:

Escolaridade:

Residência:

Pais:

N.º de Irmãos:

Escolaridade dos pais/irmãos

Mãe:

Pai:

Irmãos:

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

Temática

I. Infância

Descreve ou fala-me um pouco acerca da sua infância?

- Pais?
- Irmãos?
- Frequentou a escola. Se sim, até quando?
- Amigos?
- Ocupação de tempos livres /Atividades?
- O que é que voce pensa em relação à sua infância?

II. Trabalho/atividade profissional

Começou a trabalhar com que idade?

- Idade em que iniciou a entrada no mercado de trabalho?
- Qual foi a sua 1ª Atividade profissional?
- Seu Percurso profissional?
- Como era o seu relacionamento com os colegas de trabalho?
- Em relação a sua a profissão, sentiu-se realizada com ela

III. Família / Conjugalidade

Fala-me um pouco acerca da sua família de origem ou atual?

- Tem família?
- Qual a sua relação com a família? / Que tipo de relação tem com ela?
- Se é casado, fale-nos um pouco da sua história até ao momento atual (namoro, filhos, separação, etc.)?
- Se é solteiro, já viveu em conjugalidade com alguém, fale-nos acerca dessa sua experiência?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

- O que é que espera em relação do seu futuro com sua família, ou seja, quais são as suas expectativas em relação ao seu futuro com a sua família?

IV. Sem-Abrigo

Porque razão se encontra nesta situação?

- Motivos?
- Há quanto tempo encontra-se nesta situação?
- Como lida com esta condição?
- Qual é reação da sua família e dos seus amigos?
- Onde passou a coabitar ou viver?
- Como é o seu dia-a-dia?
- Que tipos de relações e amizades criou?
- Do que é que realmente sente mais falta?
- Como é que é visto e tratado pelos outros?

Ambiciona sair desta situação?

- Na sua opinião, o que necessita, o que é que acha que é fundamental para que aconteça?

Como é que entrou nesta instituição?

- Razões?
- Como o acolheram ou como receberam?
- O que pensa em relação instituição?
- Quais as principais carências ou dificuldades da instituição?
- O que é que de diferente faria na instituição?
- Para si o que representa esta instituição e as pessoas que aqui trabalham?

Qual a experiência que mais o marcou nesta fase da sua vida?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

- Experiência positiva?

- Experiência negativa?

Como avalia o seu trajeto (de excluído)?

- Quais as principais conclusões a tirar deste processo?

- O que faria de diferente para que esta experiência não voltasse a acontecer?

Como vê o seu futuro/ Quais as perspectivas para o vosso futuro?

- Família / amigos?

- Profissão?

- Inserção social?

Deseja acrescentar mais alguma coisa?/ Há alguma experiência que queira partilha

ANEXO B1: ENTREVISTA 1

Data:05/22

Local: Rossio

Hora de início:21h

Hora de término: 21h 50

Dados sociográficos

Nome:

Idade: 43

Ocupação / Empregado de Escritório

Naturalidade/Nacionalidade: Português

Residência: Rossio

Estado civil: Divorciado

Escolaridade: 12ºano

Pais:

N.º de Irmãos: 2

Escolaridade dos pais/irmãos

Mãe: 6ª classe

Pai: 4 classe

Irmãos: Curso superior e Formação Profissional

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

Temática

I. Infância

E: fala-me um pouco sobre a sua infância?

e: os meus pais sempre me apoiaram quer na escola, quer em casa..facilitavam muito as minha saídas com alguns amigos

- tive uma excelente relação com os meus irmãos tanto na infância como na fase adulta..essa foi se deteriorando quando entrei no mundo da droga...quando comecei entrar pelos maus caminhos

- Sim frequentei a escola até ao 12º ano de escolaridade

- durante a infância estabeleci amizades com muitos colegas da escola, com colegas de uma equipa de futebol com quem jogava aos fins de semana..a partir dos 32/33 anos de idade conheci outras pessoas a nível profissional, quer a nível pessoal. Foi com alguns deles que iniciei o consumo de droga, são estes que mais quero esquecer, mas são os que me recordo todos os dias, pelas piores razões.

- durante os fins de semanas jogava futebol e durante a semana ajudava os meus pais em casa e saía com os meus colegas da escola.

De uma forma geral, quer a nível familiar, quer com os meus amigos tive uma infância muito enriquecedora.

E: O que pensa em relação à sua infância?

e: o que penso em relação a minha infância é que foi boa até atingir a adolescência, era uma criança feliz

II. Trabalho/atividade profissional

E: Com que idade começou a trabalhar?

e: comecei a trabalhar com 18 anos, sentia-me a obrigação de ajudar os meus pais com algum dinheirinho, porque eles ganhavam pouco e não chegava pra todas as despesas em casa durante o mês...por isso tinha que ajuda-los.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

A minha primeira atividade profissional foi num café com empregada de um escritório em Lisboa.

- mantive sempre na mesma empresa e foi atribuído ao longo do tempo tarefas de maior responsabilidade

E: como era o teu relacionamento com os colegas de trabalho?

e: o inicialmente muito bom, mas entretanto a situação ficou um bocadinho complicado nos últimos 2 anos até ser despedido motivado pelo consumo de drogas.

III. Família / Conjugalidade

E: fala-me um pouco acerca família de origem ou atual?

e: sim tenho família, como toda gente tem, tinha uma relação boa com a minha família, -mas desde cerca de 4 anos que não tenho qualquer relacionamento com eles.

E:Se é casado, fale-nos um pouco da sua história até ao momento atual (namoro, filhos, separação, etc.)?

e: sim, já vivi em conjugalidade com alguém, tinha uma vida muito feliz, ate o consumo de droga.... Como eu disse a droga deu cabo da minha vida...praticamente perdi tudo...

E:qual é tua expetativa em relação ao seu futuro com a sua família?

e: até o momento não tenho nenhuma, uma vez que apesar de me encontrar atualmente reabilitado ainda não sou aceite da mesma forma....

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

IV. Sem-Abrigo

E:Porque razão se encontra nesta situação?

e:posso te dizer....de uma forma muita rápida o que conduziu-me para este mundo, foi o consumo de drogas, falta de trabalho e condições para manter uma vida social...mas a droga é que deu cabo da minha vida...

- estou nesta situação a cerca de 4 anos pa... lembro que comecei a usar drogas...mas drogas duras em 2006/07

E:Como lida com esta situação?

e: epa!!! Era viver um dia de cada vez, sem perspetiva de futuro....

desconheço não contacto com a minha família e amigos desde que estou na rua

E: Onde passou a viver?

e: sai de casa, fui pra rua....dormia debaixo dos prédios...as vezes dentro banco...

comendo restos ou dos caixotes do lixo ou as vezes pedia comida nos restaurantes para poder passar o dia sem fome.

- passava o dia a deambular pela baixa de Lisboa, onde pedia ajuda(dinheiro comida)

As vezes tinha, que roubar pra poder arranjar dinheiro pra comprar droga

E:Que amizades e relações criou?

e: na altura não fiz amizades porque as pessoas tentam evitar, mas depois fui conhecendo pessoas que encontravam na mesma situação que eu...fui criando relações com eles...eles passaram a ser os meus amigos e amigas...

E:Como é que é tratado pelos outros?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

e: aquelas sociedades dita normal tratavam-me com indiferença, puseram-me á parte, senti-me excluída da sociedade. Reprimiam-me se eu atravessasse o caminho deles, ameaçavam...era complicado viver o dia dia...quando não tem nada...sem dinheiro...sem comida..é complicado

E: Deseja sair desta situação?

e: sim...sim... é o que mas desejo, mas de momento não tenho condições para outro tipo de vida

E:Na sua opinião, o que necessita para isso acontecer?

e: acho que se tivesse apoio direto da família e arranjar um emprego conseguiria sair desta situação....

E:Como é que entrou nesta instituição?

e: a pressão de varias pessoas, que diariamente me viam a pernoitar na rua influenciou na minha decisão para entrar nesta instituição. Na altura pensei que ainda que era possível alterar o rumo da minha vida

E:Como o receberam?

e: sim....inicialmente foram muito cordiais e acompanhavam-me em todos os meus movimentos.....com passar do tempo foram exigindo cada vez mais quer a nível psicológico quer nas tarefas do dia a dia...mas dei me bem com todos que la estavam...principalmente as pessoas que encontrava na mesma situação.

E:O que pensa da instituição?

e: sim!! Hoje apesar das dificuldades que senti, acho que esta instituição vai permitir que eu me sinta novamente realizado como homem e que mais tarde possa ingressar novamente no mercado de trabalho e ter uma vida normal....Acredito que vou voltar a vida que tinha antes de entrar...com fé em Deus

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

E:Quais as principais dificuldades / carências da instituição?

e: pronto é assim!... elogio o profissionalismo de que aqui trabalha no entanto, acho que esta instituição tem falta de apoio por parte do Estado e isso reflete na falta de profissionais. Acho que são poucos profissionais e funcionários para o número elevado de carenciados. As instalações são pequenas e antiquadas

E:O que é que faria de diferente na instituição?

e:Na comunidade o que fazia diferente é que era não me drogava... era uma vida normal

Esta instituição e as pessoas que aqui trabalham são atualmente, a minha família e é graças a eles que vou ultrapassar esta fase da difícil da minha vida..

E: Qual o significado para ti esta instituição?

e: pra mim a tem um significado importante pa!!!, o facto de conhecer outras pessoas na mesma situação do que a minha, e ajudarem-me em alturas difíceis da minha vida sem pedir nada em troca...isto significa tudo pra mim... foi Deus que me abriu a porta...

E:Qual a experiência que mais o marcou nesta fase da sua vida?

e:Pra ser sincero, foi ter entrado na droga...e também o preconceito das pessoas...pra eles eu sou um cão vadio...

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

foi com o consumo de drogas(heroína e cocaína) que me tornei um Sem-abrigo, não me preocupava com a higiene e alimentação, pensava apenas na forma de arranjar dinheiro para compras a próxima dose de droga.

- **E:Experiência positiva?**

e: epa! De positivo....o tratamento que esta casa me proporcionou, permitiu que eu voltasse a ter uma vida social normal, no entanto, pessoas que conhecem a minha vida ainda hoje tratam-me como excluído.

Foi ter conhecido essas pessoas espetaculares que sempre quiseram ajudar me....Sempre deram me apoio...

- **E:Experiência negativa?**

e:opa!!! Acho que foi ter abandonado a minha família e ter entrado no mundo da droga... e acabando por perder tudo que.... Foi mesmo isto...

E: Como avalia o seu trajeto (de excluído)?

e:...é um momento complicado na nossa vida... acho que é um trajeto que só conseguimos ultrapassar com ajuda dos outros e força de vontade de vencer...é mesmo isso...qualquer pessoa, consegue ultrapassar as dificuldades, pois eu já tive no “fundo do poço”, mas como te disse com apoio das pessoas, consegui levantar-me..se eu consegui acho que qualquer um consegui...tem é que ter aquela força interior como um impulso....

E:O que faria de diferente para que esta experiência não voltasse a acontecer?

e: acho que tudo aquilo que eu passei na vida, foi devido a toxicodpendência, portanto. Se não tivesse experimentado a primeira vez nunca teria passado por esta situação.... Certeza absoluta...pa!!!...si pudesse voltar atras, nunca experimentaria drogas qualquer um que seja...

E: Como vê o seu futuro/ Quais a perspetivas para o vosso futuro?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

e:Agora que sinto recuperado, espero voltar a ser aceite pela família, recuperar alguns amigos, arranjar novo emprego e ter uma vida social normal...opa!!! Praticamente com ajuda do nosso Senhor, é isto que espero ter num futuro já ai próximo.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

ANEXO B2: ENTREVISTA 2

Data:05/22

Local: Terreiro do paço

Hora de início:21h

Hora de termino: 21h 50

Dados sociográficos

Nome:

Idade: 36

Ocupação / Profissão: Empregada de balcão

Naturalidade/Nacionalidade: Portuguesa

Residência: Campo grande

Estado civil: solteira

Escolaridade: 6ºano

N.º de Irmãos: 3

Escolaridade dos pais/irmãos

Mãe: 4ª classe

Pai: 4 classe

Irmãos: 1: 9º ano, 2: 9ºano, 3: 12º ano

Temática

I. Infância

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

E: Descreve ou fala-me um pouco sobre a sua infância?

e: a minha infância, como posso descrever, foi uma infância normal. Brincava, estudava, fazia tudo o que uma criança a sua infância fazia, Isto é, a minha infância junto dos meus pais foi normalíssimo, os meus pais eram uns pais presentes, davam-me tudo, amor, carinho, tudo necessário que uma criança necessita. Tinha uma boa relação com os meus irmãos, dávamo-nos lindamente, andávamos sempre juntos, brincar independentemente da idade de cada um. Brincávamos até nos fartar. Frequentei a escola, infelizmente até ao 6ºano.

A minha ocupação nos tempos livres não eram ajudar não tinha muito era ajudar a minha mãe nas tarefas da casa e tomar conta dos meus irmãos.

Penso em relação a minha infância é que foi boa até atingir a adolescência, era uma criança feliz

II. Trabalho/atividade profissional

E: Começou a trabalhar com que idade?

e: comecei a trabalhar com 14 anos, sentia-me a obrigação de ajudar os meus pais com algum dinheirinho, porque eles ganhavam pouco e não chegava pra todas as despesas em casa durante o mês...por isso tinha que ajuda-los.

A minha primeira atividade profissional foi num café com empregada de limpeza. Depois trabalhei em vários sítios, limpar escadas nos prédios, arrumar tabuleiros e pratos no centro comercial. Mas o que mas gostava de fazer era trabalhar no café, não como empregada de limpeza, mas sim ter contacto com os clientes.

E: como era o teu relacionamento com os colegas de trabalho?

e: o relacionamento com os meus colegas de trabalho era muito bom, normalíssimo. Não tinha razão de queixa deles, nem eles de mim, tínhamos um bom ambiente de trabalho.

III. Conjugalidade/Família

E: fala-me um pouco acerca da sua família atual ou de origem?

e: sim tenho família, como toda gente tem, tinha uma relação boa com a minha família, mas à partir do momento que comecei a entrar no caminho errado a minha relação com meus familiares deixaram de existir. Discutia com o meu pai...não dava ouvidos aos conselhos que a minha mãe dava-me. Foi difícil

E:fale-nos um pouco da sua vida a nível conjugal até ao momento atual (namoro, filhos, separação, etc.)?

e: sim, já vivi em conjugalidade com alguém, possa dizer que é uma experiência única, não posso dizer que é boa ou má, porque como todas as relações, há altos e baixos, mas foi uma experiência maravilhosa, aprendi muito.

O que pretendo para o futuro é que eu seja feliz e estar junto da minha família, estar com a minha mãe, porque sinto muita falta da minha mãe, gostaria de ter a minha família unida.

IV. Sem-Abrigo

E: A pouco tinhas dito que viveste na rua durante muito tempo

E:Porque razão isto aconteceu? Ou quais foram os motivos?

e: na vida há altos e baixo, a vida nem sempre corre da melhor maneira, tive um namorado que era toxicodependente, eu no início era contra isso, tentei ajuda-lo, mas cai na tentação e também comecei usar drogas. Fiquei ainda mas viciada do que ele. Comecei a faltar o trabalho, o meu ordenado era pouco e simplesmente dava apenas para gastar nas drogas, na cocaína quer na heroína, até que um dia o dinheiro começou a faltar dinheiro, então comecei a roubar, coisas de valor para poder comprar drogas. Preferia passar fome do que não alimentar o meu vício que de dia para dia sentia mas

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

dependente do vício. Havia dia que queria parar mas não conseguia, a droga era o meu alimento. Acabei por ser desprezada e excluída pelas pessoas que me amavam, por não aceitar ajuda delas. Perdi uma casa, amigos e família. Fiquei nesta situação cerca durante 4 anos e meio.

No início ficava na boa, lidava bem, porque achava que aquilo não fazia-me mal que era melhor pra minha vida, sentia-me bem quando estava sozinha dependente das drogas, mas passando 1 ano e tal comecei a perceber-me do mundo em que vivia de tudo o que perdi e continuava a perder, comecei realmente a sentir falta das pessoas que me amavam, principalmente da minha família...

A reação da minha família foi preocupante principalmente da minha mãe, assim como dos meus amigos. Tentaram ajudar-me, mas eu não quis, achei que estava bem, nunca aceitei ajuda de ninguém.

E: Onde passou a viver?

e: saí de casa, fui viver com meu namorado, só que ele também não pagava renda da casa...o dinheiro só chegava para comprar drogas...fomos despejados pra rua...depois passei a viver em casa abandonadas. Passei a viver debaixo de um telhado de madeira...apenas um telhado.

Os meus dias passavam com angústia, com saudades da minha família, sobretudo com raiva de mim mesmo, não tinha nada, fiquei sem nada apenas um cobertor, e vou comendo restos ou dos caixotes do lixo ou as vezes pedia comida nos restaurantes para poder passar o dia sem fome.

e: Fiz amizades com algumas pessoas que estavam na minha situação e outras não.

Como já tinha dito, sinto muita falta da minha família, do amor, do carinho que eles tinham por mim.

E: Como é tratado pelos outros?

e: Alguns puseram-me à parte, senti-me excluída da sociedade. As pessoas passavam perto de mim e não olhavam para mim ou então comentavam...vai tomar banho pa!!! Tas cheirar

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

mal, não é aqui o teu lugar para estar... outros olhavam com pena e davam-me alguma coisa para comer.

E: Desejava sair desta situação?

e: sim...sim... o que mas desejo agora é sair desta situação e voltar para casa da minha família.

e: acho que para sair desta situação tenho ter autoconfiança, aceitar o apoio que os outros me querem dar e ter força de vontade... e encontrar um trabalho para me autossustentar, não ficar tanto na dependência dos terceiros...com já disse eu tou a depender deles para sobreviver...isto com meu trabalho não fico a espera dos outros

E: Há pouco tinha dito que teve apoio de uma instituição

E:Como é que entrou nesta instituição?

e: entrei por conhecimento de uma senhora, a todos os dias passava por mim e me dava qualquer coisa pra por na boca ou então algumas moedas...ela falava sempre..... quando passava aqui falava comigo, e quis ajudar me...indicou me o caminho da associação.

Bom!!! Eu tive a minha própria motivação, mas também algumas pessoas que conviveram comigo na rua...pode-se dizer também empurraram-me a instituição.

E:Como o acolheram?

e: sim!!! Fui bem recebido quer pelas as empregadas que la trabalham, quer pelo médico, porque eu tinha uma ferida grande no pé e estava inchado, não conseguia andar....quando cheguei , o medico foi logo ver que é que eu tinha...outras pessoas também que encontrava na mesma situação que a minha também foram muito querida comigo ...dei me logo com todos....

E:O que pensa da instituição?

e: sim!!! Penso que é uma boa casa para mim, acho que é lugar onde vai me dar oportunidade viver com mas dignidade. Penso que é um espaço onde terei oportunidade de viver o mundo real novamente... pelo menos aqui tenho uma cama para dormir, tenho uma casa de banho, boa comida, partilho as minhas ideias com boa gente aqui....

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

E:Quais as principais dificuldades / carências da instituição?

e: Há muita dificuldade nas comunidades porque os Estados não financiam, portanto nos tínhamos que andar a pedir, fazer peditório, principalmente nos supermercados também acho que a instituição precisa de mas pessoal para ajudar essas senhoras aqui....Também mas se houver mas espaços di certeza podiam ajudar mas pessoas que encontram na mesma situação.

E:O que é que faria de diferente na instituição?

e: penso que não faria muito de diferente de como esta agora, porque a instituição é ótima...pronto se calhar é tentar realizar aquilo que esta fazer falta a instituição... como arranjar mas pessoal pra ajudar ou então procurar lugar com mas espaços pra ajudar mas pessoas....sim!!!mas ou menos isso....

E: para ti, o que é que significa esta instituição?

e:Esta instituição significa pra mim um novo caminho da minha vida....foi uma luz que apareceu em cima da minha cabeça a iluminar- me.....um caminho cheio de esperança e uma vida mas segura e digna. As pessoas que aqui trabalham são uma família para qualquer um, que aqui entra... acho que eles são o nosso pilar...

E:Qual a experiência que mais o marcou nesta fase da sua vida?

e:Pra ser sincero o que mas me marcou nesta vida foi o facto de eu não deixar de acreditar em mim mesmo, mesmo passando aquilo que já passei sempre tive esperança que iria conseguir algo de melhor para mim

- E:Experiência positiva?

e: positiva....foi ter conhecido essas pessoas espetaculares que sempre quiseram ajudar me....Sempre deram me apoio...e também um apresso a minha família que nunca desistiram de mim

- E:Experiência negativa?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

e: opa!!! Acho que foi ter abandonado a minha família e ter entrado no mundo da droga... e acabando por perder tudo que já tinha construído...deixei de ter uma vida estável...deixei a minha família na angústia, tristeza.... Foi mesmo isto...

E: Como avalia o seu trajeto (de excluído)?

e:Acho que é um momento que ninguém deseja passar...é um momento terrível da nossa vida... acho que é um trajeto que só conseguimos ultrapassar com ajuda dos outros e com a nossa autodeterminação e força de vontade de vencer...é mesmo isso...são momentos da vida que nem da vontade de lembrar.....

E:O que faria de diferente para que esta experiência não voltasse a acontecer?

e: o que faria de diferente é ter acreditado na minha família, ter aceitado o apoio que eles me queriam dar

dig-te já , se eu pudesse voltar atrás, aceitava sempre os conselhos que os meus pais me davam, não tinha metido nas drogas, certeza absoluta.

E: Como vê o seu futuro/ Quais a perspetivas para o vosso futuro?

e:Agora vejo um futuro com mas alegria, uma vida nova....ainda tenho alguns objetivos a atingir....alguns objetivos que foram interrompidos aquando entrei no mundo da droga.

Quero voltar a partilhar o dia-a-dia com a minha família, passear com eles, voltar a ser uma família unidas...quere rever todos os amigos que deixei para atrás...muitas saudades delas....

Quero encontrar um trabalho para poder estabilizar a minha vida e construir a minha família.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

ANEXO B3: ENTREVISTA 3

Data:05/31

Local: Belém

Hora de início: _9__h__30_

Hora de término: _10__h__45__

Dados sociográficos

Nome:

Idade:37

Ocupação / Profissão: Ajudante de Eletricista

Naturalidade -Angolana

Nacionalidade- Portuguesa

Residência: Carnaxide

Estado civil: Solteiro

Escolaridade: 2º ano de escolaridade

Pais:

N.º de Irmãos: 9 irmãos

Escolaridade dos pais/irmãos

Mãe: 4 classe

Pai: 9 ano

Irmãos: 9º ano a 12º

Temática

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

I. Infância

E: Descreve ou fala-me um pouco sobre a sua infância?

e: Sim tinha tempos livres. Os meus tempos livres foram, ir a praia, jogava bola, mentiras. ahahaha, mentia muito, eu era muito mentiroso

Pais? Sim, sou filho de pais separados. eu sou o primeiro filho de pais separados...vim pra Portugal aos 14 anos, com o meu pai, frequentei a escola até ao 2º ano...naquela altura deixei alguns amigos em angola e os meus irmãos...mas pra dizer a verdade amigo não tenho...acho que meu amigo é o meu pai, minha namorada e minha mãe...

É assim a minha infância até aos 14 anos foi muito bem, no tempo da escola vivia com meu pai porque ele era mas abastado, durante as férias ia ficar com a minha Mãe... até aos 14...e depois ate uma altura pra não ir para tropa em angola tive que vir para Portugal. Aos 14 anos já tinha corpo de homem..o meu pai e a minha mãe decidiram que eu tinha que vir pra Portugal e cheguei ca Portugal perdi-me, perdi-me..

II. Atividade profissional/Trabalho

E: começou a trabalhar com que idade?

e: Comecei a trabalhar com 15 ano. Comecei a trabalhar no armazém de restaurante, era armazenista, tudo que entrava la, recebia tudo. Toda a mercadoria, fiambre, queijos bebidas tudo. Trabalhei durante um ano neste restaurante, não durou muito. Depois tive vários trabalhos, nas obras como servente, trabalhei um ano, 6 meses. Depois com 16 anos comecei a fumar, cai logo na droga.

Como que era o teu relacionamento com os colegas de trabalhos durante o teu percurso do trabalho?

e:O meu relacionamento com os colegas? Foi sempre bom, fui sempre um rapaz simpático ri-me bue...era bakano com os colegas..

Na altura sentia realizado com o trabalho porque sempre tinha o meu dinheirinho no bolso pra comprar as minhas cenas...

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

III. Conjugalidade/ Família

E : fala-me um pouco acerca da sua família atual ou de origem?

e: Sim tenho famílias. Tenho 2 famílias neste momento. A minha relação com a minha família aos tempos atrás não era muito boa mas agora esta tudo nos “estringues”, ta tudo andar direito dou bem com eles, falo com eles, telefono. Agora ta tudo bem, já confio em mim. Agora ta...

E: Tinhas dito que és solteiro. Fala me um pouco da tua vida de solteiro.

e: é assim, eu acho que vida de solteiro é muito “fixi”. Por enquanto ainda não encontrei a pessoa certa, tenho uma namorada, mas acho que não é com ela que vou casar, ainda não encontrei a mulher certa e vida de solteiro é muito bakano, acho que ninguém deve se juntar ou estar com alguém sem ter primeiro uma casa, ter a vida mas ou menos organizada, tenho 37 anos e ter já um filho agora, não vale a pena, acho que não é o certo ainda

E: Quais são as suas expectativas em relação ao seu futuro com a sua família?

e: eu portanto, a minha mãe já não vejo há 24 anos, pronto os meus pais separados, portanto, eu não sei o que é que vou encontrar em angola quando regressar pra la, vou la pra passar alguns meses, pra ver se me adapto aquilo, já tou em Portugal a bue de anos, agora com esta família aqui em Portugal dou me bem, mas eu não conheço os meus irmãos, conheço e não conheço ao mesmo tempo, pra ver o quê é que eles pensam, porque já tou separado deles a muito tempo, telefono, mas não mesma coisa.

IV. Sem-Abrigo

E: A pouco tinhas ditos que viveste na rua durante muito tempo

E: Quais são os motivos ou razões, para te encontrares nesta situação?

e: Ia...vivi na rua durante muitos anos. A razão disso, foi que, pronto, eu com 16 anos já saia de casa, eu morava aqui na calçada do Galvão vinha aqui para um bairro em Pedrouços que é o bairro dos marinos, ia pra festa, baile e o meu pai sempre a me dar conselho. oh filho! Cuidado e tal, mas eu não quis dar ouvido, neh!!!...um jovem com 16 anos.....comecei a fumar cigarros, fumar ganza e depois com 18 anos estava a tirar

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

um curso, com 18 anos tinha dinheiro no banco, na CGD. Abandonei a casa do meu pai, e fui morar pra esse bairro de barraca e aluguei um quarto la nesse bairro, mas nessa casa vivia 3 toxicodependentes, então e eu não sabia naquilo que estava a me meter. Havia la um rapaz que se chamava maikon, meteu-me a fumar heroína durante uma semana, eu não sabia naquilo que estava meter-me, pensava que a heroína era igual ao haxixe, dava me uma granda pedra...eu como queria esquecer a minha a vida passada, de não ver a minha mãe durante muito tempo, com saudades da minha mãe, aquilo tornou-se como um peso, então comecei a drogar e ate um certo ponto descontrolou-se...pra esquecer o passado, então drogava-se

E: Há quanto tempo está nesta situação?

e: Estive agarrado durante 15 anos a heroína e a cocaína e injetava-se. foi difícil porque fui sempre o menino do papa. A vida rua é complicado, ensinou me muita coisa, mas só que a minha adolescência oh pa! Perdi tudo...a minha vida ficou estragada.

A minha relação com a família desapareceu. Durantes estes anos todos, andei sempre muito sozinho. Dormia em casa abandonadas, as vezes comia as vezes passava dois dias sem comer e nas casas abandonadas chegou dias que eu ficava na cama com vontade de morrer, queria morrer mesmo. Passei a viver sempre na casa abandona e em comunidades. Comunidades tipo Arrimar, Areto, são comunidades que estão abertos 24h por dia e que ajudam gente que vive na rua. Entrava, ficava la durante 6 meses.

Sim enquanto tive la criei amizade, mas não são aqueles amigos. Eu não lhe chamamos amigos, porque amigos tem muito que se lhe diga, eram conhecidos e quando saia de lá aquilo acabava.

E: Do que é que sente mais falta?

e: o que senti mas falta foi sempre a minha mãe, eu digo sempre se a minha estivesse por perto a minha vida não tinha andando por este caminho, certeza que tinha chegado aquele ponto.

O meu relacionamento como os meus colegas, no princípio quando só fumava haxixe tratavam-me com deve ser, como uma pessoa normal mas quando comecei a

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

drogar, oh carochó! Drogado! Chamavam sempre assim. Toda gente discriminava, toda gente colocava-me de parte, ninguém me convidava pra nada, fiquei sozinho...

E: Desejava sair desta situação?

e: Claro que desejava sair daquela situação. Eu sempre lutei, lutei até que agora sinto melhor. Pra sair daquela situação tinha que parar de drogar, tinha que fazer alguma coisa por mim ou então mas tarde ou mas cedo eu haveria de morrer ou prisão ou então parar no hospital, o que me calhava. Estas 3 coisas

Apoio Institucional

E: Como é que entrou nesta instituição?

e: sempre me receberam bem, porque os dirigentes das comunidades também eram ex-toxicodependentes e sempre me receberam de braços abertos, claro fui sempre bem recebido, bem tratado.

Portanto eu acho que são boas instituições, ajudam muita gente, enquanto a gente estiver la tudo bem eles ajudam. Mas quando tu vens ca pra fora não. É assim nas comunidades que eu entrei nunca houve reinserção social, enquanto tas la é ótimo, mas quando saíres tens que fazer a vida e portanto eu voltava sempre ao mesmo porque não tinha um teto pra viver.

E: Quais as principais dificuldades / carências da instituição?

e: Há muita dificuldade nas comunidades porque os Estados não financiam, portanto nos tínhamos que andar a pedir, fazer peditório, pedir comida em supermercado com cartões ao peito. Oh pa! Passam-se muitas dificuldades.

E: O que farias diferentes na comunidade?

e: Na comunidade o que fazia diferente é que era não me drogava, dormia a hora, tinha horário para tudo, tinha horário pra comer, tinha horário pra me levantar, tinha horário pra lava, pronto era uma vida normal

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

E: De acordo com a sua opinião o que é que representa esta instituição e as pessoas que ali trabalham?

e: é portanto na comunidade aonde eu entrei eram pessoal ex-toxicodependente eu não confiava muito neles, porque de vez em quando aparecia pessoa a dizer, olha !!! um responsável da instituição da tal da casa tal roubou muito dinheiro. É assim o ex-toxicodependente é um pessoal muito que de repente sem mas ou menos descamba.

E: Qual a experiência que mais o demarcou nesta etapa da sua vida?
Positivo e negativo

E: Experiência positiva?

e:De positivo...epa!!!eu não tenho assim nada de positivo na minha vida...

E: Experiência negativa?

e:De negativo foi ter-me agarrado as drogas, ter-me afastado da minha família, da minha mãe durante muitos anos, foi que deixou-me triste durante muitos anos

E: Como avalia o seu percurso (de excluído)?

- **E: Quais as principais ilações a tirar deste processo?**

e: É assim eu não desejo isto nem ao meu pior inimigo, as drogas são as piores coisas que apareceram-me na minha vida. Não desejo nem o meu pior inimigo, estar agarrado as drogas

- **E: O que faria de diferente para que esta situação não voltasse a acontecer?**

e:Se eu pudesse voltar atrás, aceitava sempre os conselhos que o meu pai me transmitiu e faria diferente, não tinha metido nas drogas, certeza absoluta.

E: Como vê o seu futuro/ Quais as perspetivas para o vosso futuro?

e: o meu futuro? O que eu quero mas na minha vida é ir para Angola, estar com minha mãe porque eu sei que aqui não tenho futuro já vivi durante muito tempo em

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

Portugal e aqui não tenho futuro. Acho que o meu futuro, sinto que esta em Angola ao pé da minha mãe e ao lado dos meus irmãos da parte da mãe.

Em relação a profissão, é assim...eu sei fazer muita coisa, sei cozinhar percebo de eletricidade, percebo de muita coisa mas não tenho uma profissão certa que saiba mesmo de princípio ao fim. Eu quero estudar a noite, trabalhar de dia..opa! para poder ter uma profissão melhor...é o que eu quero...

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

ANEXO B4: ENTREVISTA 4

Data: _15_/_06_

Local: Belém

Hora de início: _10_ h _00_

Hora de termino: _10_ h45_

Dados sociográficos

Nome:

Idade: 35

Ocupação / Profissão: Servente

Naturalidade/Nacionalidade: Lisboa

Residência: Portela

Estado civil: Solteiro

Escolaridade: 8º ano

Pais:

N.º de Irmãos: 3 Irmãos

Escolaridade dos pais/irmãos

Mãe: 4 classe

Pai: 2 classe

Irmãos: 9 º de escolaridade

Temática

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

I. Infância

E: Descreve ou fala-me um pouco sobre a sua infância?

e: nasci e criei em cajás no bairro, dava muito bem com os meus pais e meus irmãos, sempre tive um boa infância, fui sempre a escola, alias era bom aluno, e....pronto! esta fase foi aproveitável, depois de atingir os 14 anos que comecei por envergar pelo maus caminhos..e...e, penso que tive uma boa infância, tinha tempo para jogar futebol, ir ao centro comercial, ir a praia... embora não venho de uma família rica, mas dentro do meio que vive nunca tive necessidade, nunca nos faltou nada, tive uma boa infância, meu pai foi um homem trabalhador a minha mãe deram-nos tudo que era preciso

II. Atividade profissional/Trabalho

E:Com que idade começou a trabalhar?

e:É assim.... como meu pai foi sempre um trabalhador, ele trabalhava numa firma e eu de miúdo pra poder ganhar o meu dinheirinho para ter minha calças de marcas e ténis de marcas. Ia trabalhar com meu pai nas obras para poder ter meu dinheiro...nas ferias e nos fim de semanas ia bulir com meu velho...tinha mas ou menos 14 e 15 anos.

E:Idade em que iniciou a entrada no mercado de trabalho?

e:Comecei a trabalhar aos 16 anos numa firma eu era servente...tive que deixar escola porque o meus pais ganhavam pouco e eu precisava de dinheiro pra comprar as minhas cenas.

E:Percurso profissional?

e:É assim o meu percurso profissional já teve varias paragens, eu ainda a 2 anos estava numa escola profissional na reboleira...instalação e reparação de computadores...mas eu acabei de desistir porque o curso era 3 anos e...e tive la 1 ano e tal pagava 180 eur... é assim embora seja solteiro tenho filhos..embora nenhum viva comigo, mas tenho responsabilidade, tenho a minha vida, uma bolsa de cento e poucos

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

eur..não dava..tive que abandonar... eu prefiro vir aqui, arrumo os meus carros, chego no final levo 15 a 20 eur....dá muito melhor do que isso...não tinha outro trabalho...

E:Relacionamento com os colegas de trabalho?

e: é assim sempre tive bons relacionamento com os colegas de trabalho...pronto! Eu sou aquele tipo de pessoa, pronto...dou me bem com todos, seja branco, seja negro, seja amarelo, seja gay, seja lésbica...eu não sei... dou me bem com todos...eu sou aquele tipo de pessoa que adapta-se a todos...quando fala-se de Firmino, toda gente diz o Firmino é fixe, aquele Rasta, normalmente é sempre assim.

E: Realização com a profissão?

e: sim na altura...sentiam-se bem

III. Família / Conjugalidade

E: fala-meum pouco acerca da sua família atual ou de origem?

E:Qual a sua relação com a família?

e: vive com meus pais e com meu irmão...a minha relação no momento esta melhor, porque no passado tive problema com a toxicoddependência, causei algum desgosto tive preso....opa tive que separar da família quando comecei entrar pelos maus caminhos, quando sai da prisão não tinha por onde ir...tive que ir dormir na rua alguns tempo... tive voltar pra casa, porque senão morria... os meus não queriam..porque eu só provocava desgosto la em casa...mas depois acabaram por me receber...com intuito de ajudarem-me a largar a droga.

E: Tinhas dito que és solteiro? Descreve me a tua vida de solteiro

e: sim sou solteiro. Já vivi com alguém ainda hoje, estou numa relação, tenho filho de outras relações. Tenho uma filha que esta em frança que praticamente não conheci, está com mãe. Eu fui preso nos separamos na altura, eu fui preso, ela foi para a vida dela, pronto! Eu só vi miúda uma vez... tenho um outro filho que tem o meu nome

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

que agora vejo sempre que puder. Esta perto, esta com a mãe...mas vejo-a sempre. Já tive uma mas duas relações, mas sou que foi sempre em altura errada...era mais jovem, ilusões da vida...e...houve muitos problemas

E:Quais são as suas expectativas em relação ao seu futuro com a sua família?

e:Opa não sei... é assim a expectativa é baixa, o meu pai já esta reformado, trabalhou vida toda para nada...que é dessas tais injustiça que de vez em quando da te vontade de fazer uma revolta contra o estado... o meu pai trabalhou durante 40 e tal anos trabalhava numa empresa que se chamava Ferreira da Costa, depois deram falência aquela porcaria, meu pai com 42 anos de casa ficou agarrado...sem trabalho...e depois já há 3 anos ou 4 ainda esteve que estar fundo de desemprego 1 a 2 anos, porque não tinha idade suficiente de reforma, porque senão iriam dar-lhe uma reforma de uma porcaria...mas mesmo assim recebe uma reforma hoje em dia nem 300 eur...opa um homem que trabalhou 42 anos...porque o sonho da minha família (dos meus pais) era chegar esta altura se houvesse dinheiro, ir fazer casa em cabo-verde que eles tem la o terreno, acabava la casa, mesmo que não ficasse lá para sempre mas pronto. mas sabe que tem la o seu canto...portanto em termos económico os meus familiares não tem muito. A minha mãe também não trabalha por causa de um problema que tem no joelho... o que me esta dele são os conselhos que ainda dão principalmente pra os meus irmãos...para não cair na situação que eu entrei...

IV. Sem-Abrigo

E: A pouco tinhas dito que viveste na rua durante muito tempo.

E: Quais são os motivos ou razões para te encontrares nesta situação?

e: opa tive que abandonar o meu lar por causa do problema da droga, sentia mal perante a minha família...opa na minha família ninguém fumava tabaco... pronto! desenverguei pelo mau caminho, com 20 quase 18 anos ... foi altura ...primeiro fui morar com um amigo, estava a trabalhar num armazém, comecei a ver com muito dinheiro..tinha dinheiro para comprar ganza, drogas bebidas etc.. faltava o trabalho...acabei por ser despedido...opas depois comecei a fazer “merdas” roubar,

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

assaltar pessoas pra poder arranjar dinheiro para as drogas...e fui detido.. tive de cana 9 meses depois sai e voltei para casa.

E:Há quanto tempo está nesta situação?

e: estou nesta situação mas ou menos a 5 anos e tal

E:Como lida com esta situação?

e:Opa é situação difícil...não há explicação para isto...eu acho que não merecia passar este situação...é difícil de aceitar e acreditar que encontro nesta vida miserável

Opa...a minha família, principalmente os meus pais não reagiram bem...eles que sempre queriam que estivesse perto deles, tivesse um bom trabalho... tive que abandona-los para que eles não sofressem mas...os amigos..opa! alguns ainda quando encontrava comigo falava comigo, mas outros faziam de conta que não me conhecem....sentia me excluído perante algumas pessoas.

E:Onde passou a viver?

e:Praticamente passei a viver na rua..era o único lugar que certo onde tinha para dormir....nas portas dos prédios..as vezes nos prédios abandonados....as vezes era onde calhava melhor lugar..pronto entretanto agora tou no bairro a morar numa casa que deixaram abandonada...pronto as condições não são de todos famosas, mas é melhor que estar na rua ao relento... a tomar frio e chuva

Passei andar e a deambular debaixo para cima ou então tentar encontrar alguma coisa para roubar para arranjar guito (dinheiro)

E:Que amizades e relações criou?

e:Claro que fiz imenso amigos, fazemos sempre amigos, ainda alguns que hoje estamos ligados, muitas amizades, pronto que agora deixamo-nos ver, pode se dizer agora já é mas lembrança, mas eu tenho amigos, há pessoas que convivemos juntos no mesmo bairro, estivemos junto em 1999...passamos pela mesma situação opa! Eu lembro -me...e..e..e quando o sporting foi campeão, nos estávamos na mesma cela na prisão de Caxias e hoje em dia somos vizinhos....vivemos no mesmo bairro, tas a

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

ver...ainda hoje temos aquela ligação. Só que a vezes as pessoas separam-se cada um vai pra vida dele.

E:Do que é que sente mais falta?

e:opa! A tua família e tua casa...e... e principalmente a família...porque, Opa....Uma pessoa que esta sempre habituada a estar junto com família...que sempre viveu com família que sempre teve onde morar, acho que é o essencial. Há aquelas noites quando tu acordas a olhar para cima pra ver se estou no meu quarto ou se isto é um sonho...

E:Como é que é tratado pelos outros?

e: é um mundo complicado, porque toda gente te coloca a parte, excluía-te da sociedade, vejam-te como algum animal que não tem dono....claro ao meus amigos passaram a ser apenas aqueles que faziam a mesma coisa que eu faço...parece que as pessoas passaram a colocar-nos no nosso mundo a parte deles....sentia que o mundo estava dividido em 2. Um para eu os meus amigos e o outros para aquelas pessoas que nos viam como animal...mesmo tu comesças a sentir mal com esta situação...por exemplo o meu irmão esta tomar um café neste bar..eu já não posso ir tomar um café aí..tas perceber..tu mesmo comesças também em auto- excluir-se..pa....é uma situação dramática...tu comesças a desviar das pessoas e as pessoas também começam a desviar de ti...ta perceber...

E:Desejava sair desta situação?

e:Sim..pa...isto não é vida pra ninguém pa...opa isto é sofrimento e tristeza.

e:Acho que se tiver mas apoio, que por parte da família, ou de alguns amigos encontrar um trabalho, e se tiver uma vida mas estável, porque isto não é vida que ninguém deseja ter..o próprio estado também deveria saber mas destas pessoas que não tem por onde morar ou que usam drogaopa, mas é complicado, mas acredito que um dia voltarei a minha vida como era antes tudo tranquilo e normal.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

Apoio Institucional

E: Já frequentou alguma instituição?

Não nunca fui...é assim houve uma vez que uns amigos meus empurram-me para uma instituição, tive la dois dias, voltei para minha barraquinha...é assim fiz o meu tratamento de droga em casa com acompanhamento medico.

Qual a experiência que mais demarcou nesta etapa da sua vida? Positivo e negativo.

- **E:Experiência positiva?**

e:De positivo neste momento aqui posso dizer a minha família, principalmente a minha mãe sempre acompanhou-me, mesmo que naqueles tempos difíceis...acho que é um ponto positivo, embora ela sabe que eu errei, mas sempre tive aquele apoio. Acho que senão tivesse estava numa situação pior

- **E:Experiência negativa?**

e:Ter metido na droga e ter ido para cadeia...

E: Como avalia o seu trajeto (de excluído)?

- **E:Quais as principais ilações a tirar deste processo?**

e: Isto pra mim é o pior caminho pra se seguir, entreres aqui dificilmente sairás com vida...dou graça tou com vida, mas a drogas é a pior coisa que apareceu na minha frente.

- **E:O que faria de diferente para que esta experiência não voltasse a acontecer?**

e: não metia na droga de certeza....Podes ter a certeza que não pa...Mas pronto.....

E:Como vê o seu futuro/ Quais a perspetivas para o futuro?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

e:O meu futuro!!! Opa gostaria de ter uma vida estável, ter um trabalho, como podes saber neste mundo sem trabalho parece que é pior estar preso...opa espero que também estar mas perto dos meus familiares, ajuda-los principalmente a minha mae...

Abandonar esta vida de sofrimento de uma vez por toda.....

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

ANEXO B5: ENTREVISTA 5

Data:06/25

Local: Belém

Hora de início: _12__h__30_

Hora de término: _13__h__00_

Dados sociográficos

Nome:

Idade:43

Ocupação / Profissão: Servente da construção civil

Naturalidade -Angolana

Nacionalidade- Portuguesa

Residência: Carcavelos

Estado civil: Solteiro

Escolaridade: 9º ano de escolaridade

Pais:

N.º de Irmãos: 3 irmãos

Escolaridade dos pais/irmãos

Mãe: 4 classe

Pai: 4 classe

Irmãos: 7º, 9º, 10º

Temática

I. Infância

E: Pode falar um pouco sobre a sua infância?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

e: epa! Foi sempre boa, graça a Deus, tive tudo, a minha relação com os amigos era fantásticas, sempre tive bons amigos, epa! Era desencaminhado um bocadinho, mas era sempre porque eu quis, mas nada de grave...nos meus tempos livres eram brincar com pneus de carros, fazer carro de lata...ir pa praia...ver as meninas...

II. Trabalho/atividade profissional.

E: Com que idade começaste a trabalhar?

e: epa!!! Comecei a trabalhar com os meus 20 anos, isto já foi aqui. Em Angola nunca cheguei a trabalhar.A minha atividade profissional foi hotelaria, trabalhei cerca de 2 anos, só que la ganhava pouco e por influência de amigos fui para obras porque aquilo dava mas dinheiro....e continuei ate data...que as obras acabaram.

Como que era o teu relacionamento com os colegas de trabalhos durante o teu percurso do trabalho?

e: epa! A minha relação era boa , era uma alegria, era uma paz

E: sentes realizado com o teu trabalho?

e:realizado!!!mesmo não me senti, porque na era profissão que eu queria, a gente quer sempre mas, muito mas...trabalhar na construção civil é cansativo, mas um gajo procura uma coisa melhor, fazer uma coisa diferente, ganhar um bocadinho.

III. Família / Conjugalidade

E : fala-me sobre a sua família de origem ou atual?

e: a minha relação com a minha família (meus pais) é boa, embora já muito tempo não vejo os meus pais, eles voltaram pra angola, mas nunca tive problemas com eles. Dou bem com a família toda, de vez em quando tinha um atrito com uma prima...mas são coisas passageiras...epa sempre tive apoio da minha família (pais) até altura que eles voltaram para angola...mas os meus tios e as minhas tias que estão cá, esta sim não dou muito bem com eles, porque eles tem mania de “gente fina”, “burgueses”....mas prefiro mas os amigos do que estas famílias, amigos que coloco em

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

cima desta família. Amigos que fazem coisas que uma família não faz .É só por dizer que são uma família...poe-me a parte porque acham que são melhores...

E: Tinhas dito que és solteiro. Fala me um pouco da tua vida de solteiro.

e: é assim, eu acho que vida de solteiro é muito “fixi”. Já tive relações, mas as minhas relações, epa! duram pouco porque eu gosto de ser independente. Epa! Também sinto falta de uma relação, mas as minha relações em geral é sempre 1 ano 1 ano e meio...epa! Depois quando eu vejo que não dá, ou ela sente que não da pra estar (relacionar) comigo, preferimos seguir caminho diferente, porque eu gosto da minha liberdade, gosto estar ate as tantas com os amigos não depender de ninguém, beber os meus copos, curtir a vida sem estar preocupado a prestar conta...pronto eu sei que é uma vida prejudicial....pronto também sinto saudades de uma boa mulher, estar em casa, passear com ela....mas prefiro ser independente.

E: Quais são as suas expectativas em relação ao seu futuro com a sua família?

e: Portanto, a minha mãe já não vejo há 18 anos, pronto os meus pais voltaram para Angola , portanto, eu não sei o que é que vou encontrar em angola quando em Portugal a bue de anos, tenho aqueles familiares da parte do pai, mas aqueles não considero como minha família. Mas pronto tou a pensar em voltar para angola pra ver os meus pais e os meus irmãos. Amigos que há anos não vi. Nem sei se ainda estão vivos.. .epa! gostaria de estar junto com eles se o mundo me permitir

IV. Sem-Abrigo

E: A pouco tinhas ditos que viveste na rua durante muito tempo

E: Porque razão se encontra nesta situação?

Ia...vivo na rua durante muitos anos. epa!!! A razão disso, foi que, pronto, eu era servente da construção civil. Trabalhava com um patrão aldrabão, sempre dizia que fazia descontos para caixa...pronto eu fiquei desempregado e fui pedir o subsidio de de desemprego fiquei a saber que era mentira e não tive direito a nada... agora estou sem trabalho, sem subsidio, praticamente sem nada na vida. O senhorio não queria saber se eu estava desempregado ou se fui enganado pelo patrão....ele queria apenas o dinheiro

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

da renda no final do mês.... Pronto tive que morar no relento...., ele despejou-me pra rua... ate fui morar na barraca de um amigo meu ..entretanto, agora vou descarrascando com algumas moedas, que ganho com arrumação de carros...pronto é melhor que nada...mas esta não é vida...

E: À quanto tempo está nesta situação?

e: opa...tou nesta situação a quase 7 anos...pronto a minha situação, está o que está porque os meus pais não estão aqui perto...pelo menos um teto pra morar eu tinha..este dinheiro que ganho aqui não da pra nada...nem pra comer enquanto mas pra arrendar uma casa boa pra estar...mas graças a deus tenho um amigo meu que tem uma barraca ai no bairro,...pronto ele disse-me pra ficar ai enquanto não tiver uma coisa melhor...epa...la não temos agua canalizada não temos luz.. mas pronto!!! as condições não são boas...mas é muito melhor que viver na rua ou debaixo do prédios....

A minha relação com a família desapareceu, desde que os meus pais voltaram para angola Durantes estes anos todos, andei sempre muito sozinho. Depois criei amizade com pessoal também que vivia na rua...passaram a ser a minha verdadeira família e amigos

E: Na sua opinião que é que sente mais falta?

e: o que senti mas falta foi sempre dos meus pais, eu digo sempre se a minha mãe, ou meu pai estivesse por perto a minha vida não tinha andando por este caminho, de certeza que tinha passado todos esta angústia e sofrimento.

Epa!!! Desde que comecei a viver na rua, comecei a fazer outras amizades aquela relação que mantinha com aqueles amigos que eu conheci quando ainda andava a trabalhar deixaram de existir...pronto senti que me puseram a parte...já não fazia parte do mundo deles.

E: Desejava sair desta situação?

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

e: Sim, pa!!!, desejo sair desta vida...opa isto aconteceu assim do nada pa..fiquei desempregado..depois fui parar a rua...de um dia para outro, a minha vida mudou em desavesso...epa é assim...um dia fui a praia vi os gajos arrumar carros...pronto...eu disse, vou experimentar, até hoje estou nessa vida...mas é vida que eu não quero...um gajo engoli muito sapo..é saturado, passa por tudo aqui...chamam-me de drogado. Acham que todas pessoas que estão nessa vida de arrumar carros são drogados, ladrão...é coisa que eu não sou... as vezes estou aqui, passam aqui um individuo gritam “ sai da frente seu preto senão passo lhe em cima seu drogado...ladrão...só que é pa...coisa que eu não e as vezes sou obrigado a explodir também...a revoltar me pa..mas entretanto a gente boa também aqui...pelo menos falo por mim sei como é que

E: o que é que mais o marcounesta período da sua vida? Positivo e negativo

- **Experiência positiva?**

- De positivo...epa!!!eu não tenho assim nada de positivo na minha vida...

- **Experiência negativa?**

De negativo foi ter-me ido para o desempregado, fui morar na rua e estar aqui arrumar carro...tenho consciência que isto não é trabalho, isto não me garante o meu futuro..

E: Como avalia o seu trajeto (de excluído)?

- **E: Quais as principais ilações a tirar deste processo?**

e:É assim, ninguém merece passar por isto....eu não desejo isto nem ao meu pior inimigo, as drogas e o desemprego são as piores coisas que apareceram-me na minha frente. Não desejo isso nem as pessoas que me odiavam. Entrando nesta vida perdes tudo aquilo que ganhaste

- **E: O que faria de diferente para que esta experiência não voltasse a acontecer?**

- e: caro amigo apenas um trabalho, se eu arranja-se trabalho...é assim eu sempre trabalhei quem me conhece sabe que sempre trabalhei...pronto aconteceu isto fiquei desempregado...epa...para não ter que ir roubar, ou para não ter que cometer crimes para arranjar dinheiro...sempre faço uma coisinha que vai dando para satisfazer o meu dia a dia.

Perspetiva do Sem-Abrigo para o futuro

E: Como vê o seu futuro/ Quais a perspectivas para o futuro?

e: o meu futuro? O que eu quero é encontrar um trabalho...para juntar um dinheirinho depois para voltar ao para angola ao pe da família...eu sei mas na minha vida é ir para Angola, penso que o meu futuro, passa em Angola junto da família...Em relação a profissão, é assim...eu sei fazer muita coisa, como tinha dito anteriormente, já trabalhei na construção civil, na hotelaria percebo também de eletricidade, se conseguir alguma coisa nesta área , seria excelente, pelo menos assim sentia mas estabilizado na vida... mas pronto ate agora não apareceu nada...mas acredito que um voltarei a ter um bom trabalho

Art. 10.º — 1. É criado o Conselho Consultivo de Acolhimento, que terá como membros:

- a) O chefe da Divisão de Acolhimento, Informação e Orientação do Instituto da Família e Acção Social;
- b) Um representante do Ministério da Administração Interna;
- c) Um representante do Ministério da Justiça;
- d) Um representante do Ministério da Educação e Investigação Científica;
- e) Um representante do Ministério do Trabalho;
- f) Um representante da Direcção-Geral dos Hospitais;
- g) Um representante do Instituto de Assistência Psiquiátrica.

2. Poderão participar nas reuniões do Conselho outros serviços e entidades, para exame das questões que se relacionem com as suas funções.

Art. 11.º São funções do Conselho Consultivo de Acolhimento:

- a) Estudar as medidas de cooperação das entidades que representem com a Divisão de Acolhimento, Informação e Orientação no exercício da competência que lhe é atribuída por este diploma;
- b) Dar parecer sobre quaisquer assuntos relativos ao acolhimento que lhe sejam apresentados pela Divisão de Acolhimento, Informação e Orientação;
- c) Estudar, propor e organizar, em colaboração com a Divisão de Acolhimento, Informação e Orientação, campanhas educativas e profiláticas que se relacionem com a prevenção e solução de situações de marginalidade.

Art. 12.º — 1. Ao Instituto da Família e Acção Social, por intermédio dos Serviços de Acção Directa distritais, são cometidas as seguintes funções, além da competência que lhe é atribuída pela legislação em vigor:

- a) Acolher todas as pessoas que, por razões de ordem social e/ou de saúde (física ou psíquica), solicitem apoio urgente e se apresentem por si próprias ou acompanhadas pelas autoridades administrativas ou policiais;
- b) Proceder a uma triagem das pessoas a que se refere a alínea anterior que implique um rastreio de saúde (física ou psíquica) e a detecção das causas sociais que motivaram a sua apresentação e encaminhá-las para as soluções adequadas após conclusão do estudo das mesmas;
- c) Proceder ao registo de todo o movimento.

2. A partir do início do mês seguinte ao da publicação deste diploma é extinto o Serviço de Repressão à Mendicidade, criado pelo Decreto-Lei n.º 43 280, de 29 de Outubro de 1960, transitando para o Instituto da Família e Acção Social o saldo existente, bem como os assuntos pendentes e arquivo.

Art. 13.º Para os efeitos do n.º 1 do artigo anterior, o Instituto da Família e Acção Social celebrará

acordos em cada distrito com os estabelecimentos oficiais de assistência ou instituições particulares de assistência, visando um ajustamento das instalações ao desempenho das funções.

Art. 14.º Passam a constituir receitas do Instituto da Família e Acção Social exclusivamente destinadas a financiar as actividades e estabelecimentos a que se refere o presente decreto-lei, sem prejuízo do disposto no artigo 15.º:

- a) O produto do adicional cobrado com todas as multas aplicadas por transgressão ou contração dos sistemas ou regulamentos policiais a que se refere o n.º 6 do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 36 448, de 1 de Agosto de 1947;
- b) As receitas do Fundo de Socorro Social que vêm sendo atribuídas ao Serviço de Repressão à Mendicidade.

Art. 15.º O pessoal da Polícia de Segurança Pública que presta serviço nos albergues de mendicidade será substituído gradualmente por pessoal do Ministério dos Assuntos Sociais até ao prazo máximo de seis meses após a entrada em vigor deste diploma.

Art. 16.º São revogados pelo presente decreto-lei os Decretos-Leis n.ºs 30 389, de 20 de Abril de 1940, 36 448, de 1 de Agosto de 1947, e 43 280, de 29 de Outubro de 1960, com efeitos a partir do início do mês seguinte ao da publicação do presente diploma.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros. — *José Baptista Pinheiro de Azevedo — Vasco Fernando Leote de Almeida e Costa — João de Deus Pinheiro Farinha — Vítor Manuel Rodrigues Alves — João Pedro Tomás Rosa — Rui Manuel Parente Chanceler de Machete.*

Promulgado em 7 de Maio de 1976.

Publique-se.

O Presidente da República, FRANCISCO DA COSTA GOMES.

=====

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Gabinete do Ministro

Decreto-Lei n.º 366/76

de 15 de Maio

1. Em ordem a procurar obter-se, sempre que possível, uma solução por acordo dos legítimos entre locadores e locatários, por forma a evitarem-se discussões sempre criadoras de tensões indesejáveis, altera-se o mecanismo processual da acção de despejo, tornando obrigatória uma tentativa de conciliação no seu início.

2. Porque muitos locatários terão deixado de pagar pontualmente as rendas acordadas por razões conjunturais, quicá com a complacência de entidades responsáveis, afasta-se para as acções pendentes a sanção para a mora estabelecida no artigo 1401.º, n.º 1, do Código Civil.

Nestes termos:

Usando da faculdade conferida pelo artigo 3.º, n.º 1, alínea 3), da Lei Constitucional n.º 6/75, de 26 de